

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

*PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO*

*MESTRADO E DOUTORADO*

*Educação, Cultura e Produção de Sujeitos*

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO:  
ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA  
PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*BRUNO CRISTIANO DOS SANTOS*



**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO:  
ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS  
DO BRASIL E A PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

**Bruno Cristiano dos Santos**

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, Linha de pesquisa em Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.*

*Orientador Prof.º Dr. Camilo Darsie de Souza*

Santa Cruz do Sul

2022

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

Bruno Cristiano dos Santos

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO:  
ARQUITETURA MODERNISTA E BRUTALISTA DO BRASIL E A PRODUÇÃO DE  
SUJEITOS**

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, Linha de pesquisa em Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.*

Dr. Camilo Darsie de Souza  
Professor Orientador – UNISC

Dra. Betina Hilleshein  
Professora Examinadora – UNISC

Dra. Karla Saraiva  
Professora Examinadora - ULBRA

Dra. Sandra Regina Simonis Richter  
Professora Examinadora – UNISC

Santa Cruz do Sul  
2022

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

CIP - Catalogação na Publicação

dos Santos, Bruno Cristiano

ESPAÇO E EDUCAÇÃO : ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO  
BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS / Bruno Cristiano dos Santos. –  
2022.

108 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa  
Cruz do Sul, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza.

1. Educação. 2. Arquitetura. 3. Espaço. 4. paisagem. 5.  
Biopolítica. I. Darsie de Souza, Camilo. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

---

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

*Dedico este trabalho a todos que, de uma forma ou de outra, têm sua vida entrelaçada com a causa educativa, acreditando na força transformadora da educação.*

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

**Agradecimentos**

*Agradeço inicialmente a todos aqueles que passaram pela minha vida, e por assim tendo me produzido como sujeito, formando o aglomerado de experiências e influências que hoje constituem aquilo que sou. Do momento em que falo ao momento que escrevo, minha voz ecoa em conjunto com todos aqueles que me influenciaram e através das minhas palavras diversos autores também continuam falando.*

# ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

## RESUMO

A presente dissertação é o produto da aproximação das áreas da Arquitetura e Educação através dos conceitos de espacialidade social, paisagem e biopolítica, tensionando discursos de produção de sujeitos no decorrer do século XX através dos movimentos modernistas e brutalistas na arquitetura oriundo de transformações políticas e resultando em relações de poder. Por este viés de desenvolvimento de pesquisa, esta produção fundamenta-se pela inquirição de como o espaço educa e efetivamente produz sujeitos por meio dos movimentos do modernismo e brutalismo no Brasil, através do desenvolvimento da arquitetura que modifica a paisagem, meios de convivência e percepções espaciais da área da geografia. Desta forma, é importante inicialmente embasar os conceitos chave de espacialidade, ou espaço social, também chamado Geoespaço, para que seja possível a compreensão destas transformações no decorrer do século passado. Desta forma, criei um percurso metodológico desenvolvido nesta produção que inicia primeiramente com o embasamento dos principais conceitos de espaço social e paisagem trazidos por autores como Milton Santos e tensionando a biopolítica de Michel Foucault para dentro do funcionamento das cidades, tornando possível uma análise urbana em macro escala em exemplares como a concepção da cidade de Brasília e seu desenvolvimento pelo contexto dos ideais dos arquitetos modernistas como Lucio Costa e Oscar Niemeyer em um determinado recorte temporal. Assim torna-se viável uma verificação em escala micro de algumas das obras chave da arquitetura no Brasil e suas influências a respeito da coletividade e arquitetura biodisciplinar, mais comumente evidenciadas em obras de Affonso Reidy dando aos primeiros traços do brutalismo como desdobramento do modernismo no Brasil. O espaço social educa e produz sujeitos por meio das paisagens através da influência projetual dos arquitetos inseridos em determinada época através das decisões conceituais e projetuais, da inserção de elementos, e da quebra de hierarquias onde o modernismo rompe com a vertente de mediações oriundas de um Brasil Império e passa a vigorar e produzir uma sociedade de convivências com foco na identidade pública.

**Palavras-Chave:** Educação, Arquitetura, Espaço, Paisagem, Biopolítica, Modernismo, Brutalismo.

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

**ABSTRACT**

The present dissertation is the product approximation of the areas of Architecture and Education through the concepts of social spatiality, landscape and biopolitics, tensioning discourses of production subjects in the course of the 20th century through the modernist and brutalist movements in architecture arising from political transformations and resulting in bio/power relations. Through this research development bias, this production is based on the investigation of how space educates and effectively produces subjects through the movements of modernism and brutalism in Brazil, through the development of architecture that modifies the landscape, means of coexistence and perceptions. spaces in the area of geography. In this way, it is important initially to base the key concepts of spatiality, or social space, also called Geospace, so that it is possible to understand these transformations during the last century. In this way, create a methodological path developed in this production that begins with the foundation of the main concepts of social space and landscape brought by authors such as Milton Santos and stressing Michel Foucault's biopolitics into the functioning of cities, making possible an urban analysis in macro scale in examples such as the conception of the city of Brasília and its development in the context of the ideals of modernist architects such as Lucio Costa and Oscar Niemeyer in a certain frame time. Thus, a micro-scale verification of some of the key works of architecture in Brazil and their influences on collectivity and bio/disciplinary architecture becomes feasible, most commonly evidenced in works by Affonso Reidy, giving the first trace of brutalism as an unfolding of modernism in Brazil. The social space educates and produces subjects through the landscape, the design influence of architects inserted at a given moment through conceptual and design decisions, where the insertion of elements and the breaking of hierarchies, the modernism breaks with the slope of mediations arising from a Brazil Empire and becomes effective and produces a society of coexistence with a focus on public identity.

**Keywords:** Education, Architecture, Space, Landscape, Biopolitics, Modernism, Brutalism.

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

**Sumário**

<b>Guia de Imagens.....</b>	<b>11</b>
<b>Prólogo.....</b>	<b>15</b>
<b>Métodos de Pesquisa.....</b>	<b>16</b>
<b>Noções Sobre o Modernismo.....</b>	<b>20</b>
<b>Noções Sobre a Paisagem.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO I – GEOESPAÇO NO CONTEXTO URBANO.....</b>	<b>25</b>
<b>1.1 O Espaço.....</b>	<b>26</b>
<b>1.2 Relações de Poder e Espacialidade.....</b>	<b>31</b>
<b>1.3 Governamentalidade.....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO II – PAISAGEM E MORFOLOGIA URBANA.....</b>	<b>36</b>
<b>2.1 A Paisagem.....</b>	<b>37</b>
<b>2.2 A Morfologia Urbana no Contexto da Paisagem.....</b>	<b>38</b>
<b>2.3 Noções do Ambiente.....</b>	<b>41</b>
<b>2.4 As Heterotopias.....</b>	<b>41</b>
<b>CAPÍTULO III – A BIOPOLÍTICA E A ARQUITETURA.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1 A Utopia Brasileira.....</b>	<b>50</b>
<b>3.2 A Arquitetura Biodisciplinar de Brasília.....</b>	<b>55</b>
<b>CAPÍTULO IV – ARQUITETURA E A EDUCAÇÃO.....</b>	<b>61</b>
<b>4.1 Conceitos da Arquitetura de Le Corbusier.....</b>	<b>62</b>

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

<b>4.2 O Objeto Geográfico e a Arquitetura.....</b>	<b>71</b>
<b>CAPÍTULO V – A PRODUÇÃO DE SUJEITOS PELA COLETIVIDADE.....</b>	<b>74</b>
<b>5.1 O Governo das Habitações Sociais.....</b>	<b>75</b>
<b>5.2 A Coletividade das Habitações.....</b>	<b>81</b>
<b>CAPÍTULO VI – BRUTALISMO.....</b>	<b>84</b>
<b>6.1 O Brutalismo e o Espaço.....</b>	<b>86</b>
<b>6.2 O Brutalismo Brasileiro.....</b>	<b>87</b>
<b>6.3 O Brutalismo e a Educação.....</b>	<b>90</b>
<b>Epílogo.....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO – LISTA OBRAS ARQUITETÔNICAS.....</b>	<b>96</b>
<b>PORTAIS DE INFORMAÇÃO.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>

## Guia de Imagens<sup>1</sup>

<i>Figura 1 - Antigo Ministério da Educação e Saúde (MES).....</i>	<i>14</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 2 - Museu de Arte de São Paulo (MASP).....</i>	<i>17</i>
Fonte:Google (Versatille)	
<i>Figura 3 - Antigo Ministério da Educação e Saúde (MES).....</i>	<i>19</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 4 - Brasília.....</i>	<i>22</i>
Fonte: Thomas Farkas 1960	
<i>Figura 5 - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.....</i>	<i>23</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 6 - Antigo Ministério da Educação e Saúde (MES).....</i>	<i>24</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 7 - Brasília.....</i>	<i>27</i>
Fonte: Thomas Farkas 1960	
<i>Figura 8 - Museu de Arte Contemporânea de Niteroi.....</i>	<i>32</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 9 - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.....</i>	<i>34</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 10 - Torre de TV de Brasília.....</i>	<i>35</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 11 - Terraço Jardim MES.....</i>	<i>42</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 12 - Conjunto Habitacional Pedregulho.....</i>	<i>43</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 13 - Prancha original do projeto Parque Marinha do Brasil.....</i>	<i>45</i>
Fonte: Luciane Barbosa (2016)	
<i>Figura 14 - Parque Marinha do Brasil.....</i>	<i>47</i>
Fonte: Autor	
<i>Figura 15 - Palácio de Planalto.....</i>	<i>48</i>
Fonte: Portal ArchDaily	

---

<sup>1</sup>As Imagens inseridas nesta produção foram selecionadas no mecanismo de busca Google e possuem domínio público

## Guia de Imagens<sup>2</sup>

<i>Figura 16 - Prancha Original do projeto de Brasília.....</i>	<i>50</i>
Fonte: Portal Institucional Brasil de Comunicação	
<i>Figura 17 - Croqui original Praça dos Três poderes.....</i>	<i>51</i>
Fonte: Revista MDC de Arquitetura e Urbanismo	
<i>Figura 18 - Imigrações durante a inauguração de Brasília.....</i>	<i>53</i>
Fonte: Thomaz Farkas	
<i>Figura 19 - Palácio da Alvorada.....</i>	<i>56</i>
Fonte: Archllect	
<i>Figura 20 - Praça dos Três poderes de Brasília.....</i>	<i>58</i>
Fonte: Google - Acervo Histórico	
<i>Figura 21 - Antigo Ministério da Educação e Saúde (MÊS).....</i>	<i>59</i>
Fonte: Portal ArchDaily	
<i>Figura 22 - Escola Primária do Conjunto Pedregulho.....</i>	<i>62</i>
Fonte: Marcel Gatherot 1951	
<i>Figura 23 - Croqui Original Ministério Educação e Saude (MÊS).....</i>	<i>64</i>
Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim - Acervo Lucio Costa	
<i>Figura 24 - Praça da Torre de TV em Brasília.....</i>	<i>66</i>
Fonte: Google	
<i>Figura 25 - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.....</i>	<i>67</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 26 - Implantação Palácio da Alvorada.....</i>	<i>69</i>
Fonte: Portal Governo do Brasil (Gov.br)	
<i>Figura 27 - Palácio da Alvorada.....</i>	<i>70</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 28 - Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho).....</i>	<i>71</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 29 - Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho).....</i>	<i>73</i>
Fonte: Portal Vitruvius	
<i>Figura 30 - Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho).....</i>	<i>74</i>
Fonte: Documentário Habitação Social - Projetos de Um Brasil	

---

<sup>2</sup>As Imagens inseridas nesta produção foram selecionadas no mecanismo de busca Google e possuem domínio público

### Guia de Imagens<sup>3</sup>

<i>Figura 31 - Aldo Calvo, Affonso Reidy e Carmem Portinho.....</i>	<i>76</i>
Fonte: Jornal Correio da Manhã 15 de junho de 1954	
<i>Figura 32 - Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP).....</i>	<i>77</i>
Fonte: Google	
<i>Figura 33 - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.....</i>	<i>80</i>
Fonte: Portal ArchDaily	
<i>Figura 34 - Ginásio Clube Paulistano.....</i>	<i>81</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 35 - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.....</i>	<i>84</i>
Fonte: Portal ArchDaily Brasil	
<i>Figura 36 - Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE).....</i>	<i>88</i>
Fonte: Portal ArchDaily	
<i>Figura 37 - Brasília, Congresso Nacional em 1959.....</i>	<i>89</i>
Fonte: Thomaz Farkas	
<i>Figura 38 - Brasília, Congresso Nacional em 1959.....</i>	<i>92</i>
Fonte: Thomaz Farkas	

---

<sup>3</sup>As Imagens inseridas nesta produção foram selecionadas no mecanismo de busca Google e são de domínio público

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos



Figura 1 - Antigo Ministério da Educação e Saúde (MES) - Lucio Costa e equipe Fonte: Portal ArchDaily Brasil

*“Desenvolve-se então toda uma problemática: a de uma arquitetura que já não é feita simplesmente para ser vista (fausto de palácio) ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e pormenorizado – para tornar visíveis os que nela se encontram; de uma forma mais geral, a problemática de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aqueles que abriga, controlar os seus comportamentos, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los.”*

*Michel Foucault (2011, p.139).*

## Prólogo

Este estudo partiu do propósito de evidenciar modos pelos quais o Espaço se articula à Educação, propondo que a Arquitetura interpela a sociedade enquanto prática discursiva que se manifesta através do *design* e da concepção de ambientes, levando em conta os corpos, as formas e as funções – conceitos relativos ao ato de projetar que diferem em parte da educação gerada através de projetos de escolas, prisões e clínicas, mas sim relativas a projetos a níveis urbanos e habitações, por meio de relações mais sutis dentro da produção de sujeitos.

Considero assim, o ato arquitetônico de conduzir modos de ser e pensar, entendendo que as heranças culturais e as referências que moldam nossas perspectivas do mundo partem de um princípio de influências que emerge dos ambientes em que circulamos e das paisagens que observamos. Entendo, para tanto, tais elementos como ferramentas educacionais que promovem mudanças sociais e culturais. Destaco, ainda, neste contexto, que o ato de projetar edificações envolve os valores e as intencionalidades dos profissionais que os executam, logo, podem ser entendidos como ações que se desenvolvem por meio de relações de poder.

As relações de poder e os fluxos que envolvem o espaço, do qual fazemos parte, transformam condutas e compreensões, produzindo sujeitos por meio do tempo, das paisagens e dos ambientes que se entrelaçam às experiências que ocorrem ao longo da vida. O conceito de poder pode ser tomado a partir de diferentes fundamentos, produzidos em diversos campos do saber, porém, nesta produção, opero a com noção apresentada em obras como *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault, a partir das quais é definido como algo que existe intrinsecamente em todas as ações e relações que nos envolvem (FOUCAULT 2014; FOUCAULT 2011). Estas relações encontram-se como componente do espaço social, esta noção de espaço social trabalhada por Milton Santos (2006), refere-se as interações que se estabelecem entre o lugar, a sociedade e a cultura, ao qual será abordada nos capítulos em diante. Por este viés, a priori, não se trata de um conceito que possa ser aplicado para tratar unicamente de estruturas físicas, mas sim das estruturas moldadas na paisagem que podem ser modificadas da cultura da sociedade, e do tempo e do conjunto de relações de poder nela habitada.

# ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

Le Corbusier (2000), em seu livro *Manière de penser L'urbanisme*, afirma que o arquiteto é o responsável pela organização dos continentes construídos, aquele que liga todas as coisas dentro do tempo e do espaço físico, onde essa conexão entre o meio em que o sujeito se encontra inserido no ambiente pode ser observada como formas de governo, uma vez que o espaço social é também um produto de suas próprias inter-relações (MASSEY 2008), dentre elas as relações de poder.

## **Métodos de Pesquisa**

Para o desenvolvimento da pesquisa, parto do seguinte questionamento: **Como o espaço educa e produz sujeitos por meio de obras modernistas e brutalistas, brasileiras, arquitetonicamente projetadas?** Para tanto, foi importante descrever e utilizar o conceito de Espaço, de modo a analisar as obras arquitetônicas provenientes dos movimentos modernista e brutalista, executadas no Brasil, durante o século XX. Mais precisamente, tensionei os modos como estas materialidades, componentes do espaço e materializadas na paisagem, foram/são utilizadas como meios de governamento, a partir da perspectiva da biopolítica.

O percurso metodológico se inicia na apresentação dos principais conceitos necessários para a investigação, quais sejam, o Espaço, a Paisagem e a Biopolítica. Estes conceitos servem como base para a interlocução da arquitetura dentro do espaço social, e para os métodos de educação por meio da concepção arquitetônica, é através da arquitetura que os elementos de paisagem passam efetivamente a produzir sujeitos.

De modo a criar um elo mais abrangente entre a Arquitetura e a produção de sujeitos, discorro, primeiramente, sobre a concepção da cidade de Brasília e suas práticas de governo manifestadas por meio das decisões projetuais de Lucio Costa. Brasília possuiu requisitos de análise educativa essenciais dentro de um contexto de espaço e paisagem, possuindo motivações políticas de governo desde sua concepção, o atual Distrito Federal fez parte do movimento modernista como grande interventor das mudanças de percepções de assujeitamento no Brasil durante a metade do século passado

Sequencialmente, invisto em discussões acerca de algumas das principais obras do Modernismo e do Brutalismo do século XX, no Brasil, detendo-me, mais precisamente a obras como o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes também conhecido como

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

Conjunto Pedregulho, projetado por Affonso Reidy em 1946. O Conjunto Pedregulho em conjunto com outras obras, exemplifica um modelo de tensionamento de vivências através de decisões de projeto, isto é, o design e concepção de sua forma alteram e efetivamente educam hábitos culturais e comportamentais através de circulações, visuais e zoneamentos.



*Figura 2 – Museu de Arte São Paulo (MASP) – Lina Bo Bardi  
Fonte: Google (Versatille)*

Entendendo que os ideais modernistas, trazidos à tona por arquitetos como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Affonso Reidy, entre outros, possuíam intencionalidade educacional. Por esta perspectiva, o Modernismo, no Brasil, possui uma intenção específica, marcada por questões sociais e políticas variáveis das motivações do Modernismo europeu.

Por fim, abordo o Brutalismo, como resultante das influências modernistas, para problematizar o desenvolvimento da dimensão cultural das cidades em relação a espectros

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

que englobam um movimento de engessamento de expressões herdadas da Europa, ao passo que se tornam obras melhor mimetizadas em relação ao corpo social dentro da espacialidade como verificado em obras de Paulo Mendes da Rocha e Lina Bo Bardi.

A busca incessante pela racionalidade da concepção de forma e função, aliada a tecnologia, a estética e a funcionalidade, trazem à tona a importância da demarcação do corpo social e o retorno da proporção humana resgatada dos tempos de Vitruvius, a partir da qual o corpo social e as relações humanas passam a compor o espaço social de Milton Santos, também chamado de Espaço Geográfico, ou Geoespaço, posteriormente explorado em obras relacionadas ao brutalismo por autores como Achille Mbembe (2020). Desta forma, a primeira parte do referencial teórico se destina ao embasamento dos conceitos de espacialidade da área da geografia que diferem de um espaço físico, contendo assim os elementos de tempo, sociedade, natureza e os meios físicos desenvolvidos na paisagem e no ambiente.

Para que seja possível o tensionamento da arquitetura com o espaço, é importante destacarmos as questões de governo e soberania, assim utilizando de conceitos de Michel Foucault, esta aproximação é tensionada assim que passam a ser definidas as noções de espacialidade, onde tais questões conceituais estão inseridas a partir da herança cultural da Arquitetura doutrinada por Le Corbusier na modernidade do século XX no Brasil, e portanto visivelmente inserida no trabalho do principal movimento de jovens arquitetos modernistas do Brasil a partir da década de 1930 na chamada Escola Carioca de Arquitetura, o qual se utilizou amplamente dos métodos projetuais de Le Corbusier (BRINO; BAHIMA 2009).

Assim, um outro ponto a ser observado aqui, são ideias chave de elementos projetuais que funcionam efetivamente como ferramentas de biopolíticas dentro de decisões de projeto, em destaque podemos ressaltar as decisões envolvendo os cinco pontos de Le Corbusier que fundamentam a liberdade de implantação dos projetos de arquitetura urbana, como consequência de novas normas adotadas como por exemplo o recuo de pilares, fachada livre e prédio sobre pilotis dentre outras (BAHIMA, 2003), livrando-se assim das formalidades impostas rigidamente pelo traçado das cidades para, então, viabilizar os principais efeitos de artefatos que operam enquanto estratégias biopolíticas, que serão abordadas em seguida nesta produção. Neste ponto é plausível destacar o desafio de aliar os conceitos operacionais da Arquitetura com a noção de produção de

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

sujeitos, de modo a demonstrar como aspectos formais de metodologias de projetos aplicados à arquitetura modernista influenciaram as relações de convivência de todo um recorte temporal no Brasil. Esta decisão de delimitar tais estudos a uma parcela de tempo localizada especificamente no Brasil se deve em essência ao paradigma de que o espaço está associado a um determinado recorte de tempo e localização, sendo necessário que cada contexto de diferentes culturas seja analisado separadamente como por exemplo as nuances de concepção do brutalismo na Europa que difere consideravelmente do nascimento do brutalismo no Brasil.



*Figura 3 - Antigo Ministério da Educação e Saúde (MES) - Lucio Costa e equipe Fonte: Portal ArchDaily Brasil*

É fundamental deixar aqui, agradecimentos iniciais, pela existência da pesquisa da Dr<sup>a</sup> Vivian Fetzner Ritter (2018), onde seu livro intitulado *Da Verdade dos Espaços aos Espaços da Verdade: Uma genealogia em Michel Foucault* apresentou algumas das conexões primordiais do uso do espaço dentro dos conceitos de biopolítica de Foucault. também aqui cabe um agradecimento ao artigo escrito por Lúcia Leitão e Norma Lacerda (2016) de nome *O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas*, onde foi possível encontrar uma das poucas conexões de estudo dentro da ideia das espacialidades proposto tanto na área da geografia quanto na área da

arquitetura, assim, não é incorreto afirmar que estas duas produções foram a base para que as noções aqui propostas tenham se tornado plausíveis de uma realização das aproximações da educação e arquitetura.

### **Noções sobre o Modernismo**

Conforme descrito anteriormente, a identificação de boa parcela dos arquitetos contemporâneos com o movimento modernista da Arquitetura no Brasil, não está atrelada a um significado de que aqueles nascidos posteriormente a metade do século passado sejam efetivamente categorizados como arquitetos modernistas, isto é, se considerarmos que estas abordagens de influência de Le Corbusier estão atreladas ao contexto e aplicação de um recorte temporal, aqueles nascidos em uma era posterior já se encontram atravessados por discursos enraizados no corpo social. Desta forma, o movimento modernista é o conjunto de resultantes de uma determinada época em si, ao passo que as gerações futuras passam a ser atravessados pelo desconstrutivismo da arquitetura pós-modernista de Frank Gehry e Zaha Hadid.

Dentro do planejamento de pesquisa aqui proposto, iremos apresentar alguns modelos aplicados de arquitetura do Brasil no século XX, cuja ideia é a de tensionar seus principais efeitos dentro de um panorama biopolítico. Na produção de Wemuth e Fornasier (2015), os autores demonstram através de análises dos discursos de Michel Foucault a evolução do conceito de poder disciplinar para a biopolítica dentro da organização do espaço urbano por meio da arquitetura que nos atravessa tendo em vista as relações de poder que envolvem – e compõem – as estratégias biopolíticas a partir da concepção de estruturas que funcionam como ferramentas disciplinares dos corpos, simultaneamente a isso Marisa Costa (2014) trata a Arquitetura como um artefato cultural, e, partindo disso, onde definitivamente fica claro que a Arquitetura possa ser considerada uma ferramenta ou estratégia biopolítica ativa.

Dentro de uma argumentação de que a aplicação de alguns sistemas arquitetônicos foram intencionais, por meio de seus condicionantes projetuais, as amostras da Arquitetura clássica de Lucio Costa e Niemeyer possuíam forte motivação política, sendo isto uma assinatura invisível que demarca a identidade dos arquitetos em suas obras e contextualizar, na história, o desenvolvimento da arte como ferramenta de poder, estando

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

unido a propósitos políticos como demonstra Souza (2015) no texto *Anotações sobre as origens de uma 'Brasília Vermelha' ao Sul de Paris, em Vitry-sur-Seine (1958-1973)*, ao remontar, através de documentos históricos, as motivações que culminam no projeto da cidade de Brasília em que os arquitetos e o partido comunista francês enxergavam o projeto urbano como um modelo de cidade ideal e símbolo da modernidade no Brasil, assim, esta movimentação por parte da política de desenvolvimento urbanístico brasileiro é refletida em projetos de cunho social experimental como é possível observar em obras públicas, em especial, os projetos propostos por Affonso Reidy que alinham-se a uma perspectiva próxima ao início do movimento brutalista europeu.



*Figura 4 – Brasília – Lucio Costa e Oscar Niemeyer  
Fonte: Thomas Farkas 1960 – Acervo Histórico*

## **Noções sobre a Paisagem**

É fundamental expressar também a conexão dos conceitos de paisagem, lugar e espaço, expressos por Milton Santos e também de outros autores da área da geografia, pois tais conceitos serão utilizados como elo fundamental para exemplificar a constituição da Arquitetura como parte da formação de sujeitos, retratando um sistema interdependente do ser humano com o ambiente no qual se encontra inserido.

Assim, discorreremos sobre os conceitos de espaço, paisagem e arquitetura relacionando-os como uma trindade em relação à morfologia urbana. Este passo passa a fundamentar uma base teórica dos conceitos que explicam a aproximação da arquitetura com os conhecimentos que envolvem a noção de biopolítica. Assim, é importante discorrer sobre as principais constituições da paisagem e sobre os modos como podemos tensionar a produção do espaço. Desta forma, esta produção divide-se em alguns capítulos a fim de remontar uma linha de raciocínio acerca do contexto histórico que resulta no desenvolvimento arquitetônico e social e tensionar discursos através das obras em conjunto com o referencial teórico de outros tantos autores.

É possível verificar as intenções e resultados das aplicações de transformação espacial apenas pelo fato de estarmos observando sob uma ótica muito posterior dentro de uma linha temporal ao desenvolvimento do modernismo, dentro de uma era contemporânea, nos encontramos assim, em uma geração já atravessada por estes discursos em um espaço que está em constante transformação, podemos entender assim, que para os nascidos a partir da segunda metade do século passado, algumas destas obras da Arquitetura Clássica podem parecer apenas amontoados de tijolos e concreto, esquecidas em decadência temporal, além de já se encontrarem esteticamente e tecnologicamente limitadas, e ainda assim, é perceptível que se tratem de obras que demonstram a mais incrível genialidade de uma época, dentro de um contexto de implementação de projeto urbano, e assim, a arquitetura em sua verdadeira forma, a arquitetura que é capaz de transformar, mantém-se de pé com seus exemplares mais clássicos dentro da nossa constituição de espaço

Por fim é importante deixar aqui frisado a importância visual das imagens ilustrativas contidas nesta produção, estas não apenas fazem parte da compreensão visual acerca das

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

obras, paisagem e dos elementos tensionados e analisados, mas também retratam a implementação da arquitetura e do urbanismo em meio ao ambiente espacial, seja através do fluxo de caminhos, ou do molde hierárquico de composição de fachadas e volumes até a quebra de linguagem aquilo que podemos observar como forma não natural e destoante do ambiente no entorno. Erroneamente se considera um projeto arquitetônico independente de sua implantação dentro de uma zona urbana, por este fato, a natureza, o tempo e a sociedade compõem em conjunto toda e qualquer edificação, e por este viés os corpos passam a constituir-se como parte dos projetos arquitetônicos tanto quanto tijolos e concreto, e um único corpo vivo em constante mudança. Desta forma, arquitetura não é uma ferramenta, mas sim o resultante final do uso de ferramentas projetuais em busca de uma composição do ato de criação com objetivo de chegar a uma excelência em sua unificação de fatores externos e internos.

Comumente se atribui a Le Corbusier a frase: *“A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes dispostos sob a luz”*, pensando desta forma foi selecionado aqui de forma bastante distintiva, imagens em fotografias que demonstram com precisão a arte oculta de demonstração de forma e função sob luz e sombras. A arquitetura pode ser considerada assim uma forma de educação, onde todo projeto deve conter uma relação direta com o sujeito, e por assim formando aquilo que podemos chamar de Espaço Educador, ou Arquitetura Biodisciplinar (RITTER 2016).

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*



*Figura 5 – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - Affonso Eduardo Reidy  
Fonte: Portal ArchDaily Brasil*

*“O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado.”*

*Michel Foucault (2014 p. 220)*

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos

CAPÍTULO I

GEOESPAÇO E CONTEXTO URBANO



Figura 6 – Antigo Ministério da Educação e Saúde (MÊS) – Lucio Costa e Equipe  
Fonte: Portal ArchDaily Brasil

*“O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através dos processos e funções”*

*Milton Santos, (2006, p.153)*

Início fazendo uma breve contextualização da noção de espaço, fundamental no campo da Geografia, da Arquitetura, do Urbanismo e neste trabalho, já que a utilizarei no sentido de articulá-la aos conhecimentos da área da Educação. Conforme apontado por Leitão e Lacerda (2016), a interdisciplinaridade foi e é imprescindível para o processo de construção teórica da Geografia, da Arquitetura e do Urbanismo, dado que ambas vêm buscando aportes complementares nas ciências sociais e humanas de modo a ampliar possíveis interações conceituais.

Alerto, de antemão, que apesar de apoiar-me nos conhecimentos foucaultianos em diversas problematizações que apresentarei, o espaço será abordado, aqui, enquanto fenômeno no qual a vida acontece e que se caracteriza pela articulação das esferas social, natural e materialidades diversas.

A noção de espaço que assumo, portanto, é aquela que aproxima os campos da Arquitetura e da Geografia, a qual, segundo Darsie (2021), refere-se a um fenômeno contínuo – em termos de extensão e conectividade; polirrítmico – a partir dos modos de vida que ocorrem em diferentes tempos; multiescalar – tendo em vista as possibilidades de análise em diferentes níveis; vivo - por estar em constante transformação.

## **1.1 O Espaço**

É importante mencionar que durante as décadas de 1960 e 1970, em função de a Geografia ter passado a ser considerada uma ciência social – em lugar de uma ciência exata –, o espaço começou a ser entendido como um elemento chave no que diz respeito às discussões que envolvem as relações sociais, emergindo, portanto, a ideia de dinâmicas socioespaciais. Nesta direção, Santos (2006) descreve duas principais – e contraditórias – definições de espaço.

A primeira estaria associada ao aspecto territorial, que permite entendê-lo como espaço físico articulado aos interesses do Estado, especialmente no que se refere à proteção e utilização de recursos naturais capazes de garantir riquezas e suprir demandas populacionais. Trata-se de uma definição clássica na área da Geografia, emergente do contexto de uma ciência que buscava apenas a observação e a descrição dos elementos naturais da Terra como auxílio para o desenvolvimento de territórios nacionais e para a sua

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

própria afirmação enquanto Ciência. Assim, a noção de espaço cedeu lugar de importância ao conceito de território, marcado por fronteiras que eram/são estabelecidas pela ideia de representação do ambiente, desconsiderando fatores sociais (SANTOS 2006; CASTRO, CORRÊA E GOMES 2000).

A segunda, mais coerente ao contexto desta investigação e aos processos globais contemporâneos, identifica o espaço pela perspectiva da humanidade, ou seja, a partir da noção de “espaço social”. Como descrito por Santos (2006), o espaço social pode ser entendido como o meio que contém todas as formas e relações de objetos e de ações que constituem tudo aquilo que podemos conectar ao tempo e às técnicas. Nesse sentido, podemos pensar que o espaço também abarca todas as tecnologias de poder que pretendo tensionar nesta produção, sendo algumas delas identificáveis por meio da paisagem e do processo de produção arquitetônico que ocorreu ao longo dos séculos. O espaço contempla todas as formas, as funções e os fatores de relações humanas, sendo um corpo único em constante transformação em articulação ao tempo e às relações de poder.

O tempo, portanto, é um conceito fundamental para o entendimento da constituição espacial. Esta lógica parte de um princípio de mapeamento da vida em movimento, selecionando padrões de eventos para que seja possível uma análise da transformação espacial. Santos (2006) destaca que a unidade espaço-tempo é indissociável e deve ser tratada como um processo histórico de organização temporal e espacial. Pode-se afirmar que o espaço está atrelado ao período histórico em que foi/é desenvolvido, observando-se que a partir da análise de artefatos construídos, há muitas gerações, encontram-se atravessamentos culturais que ocorrem de maneiras diferentes. No caso do argumento que apresento nesta produção, os artefatos podem ser representados pelas estruturas arquitetônicas modernistas, que se instituem enquanto paisagem e enquanto ambientes, moldando modos de vida e sendo alteradas por tais.

Entendendo que o espaço é uma dimensão social, apoio-me em Santos (2006) ao destacar que os entendimentos da Geografia Clássica deixaram de ser aplicáveis pelo fato de carecerem de movimentos de interdisciplinaridade. O autor destaca que discussões sobre o espaço necessitam de interpretações de outras áreas científicas como forma de ampliar o desenvolvimento dos conhecimentos espaciais. Neste sentido, é importante não confundir a ideia de interdisciplinaridade com multidisciplinariedade, pois a última implicaria,

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

fundamentalmente, em uma colaboração de disciplinas e não uma integração (SANTOS, 2006).



*Figura 7 – Brasília – Lucio Costa e Oscar Niemeyer  
Fonte: Thomas Farkas 1960 – Acervo Histórico*

O conceito de espaço, validado pelo campo da Geografia, diverge em parte da noção assumida na Arquitetura (LEITÃO; LACERDA, 2016), já que o espaço arquitetônico pode ser definido como um vazio preenchido pelas funções e ações dos corpos. O espaço arquitetônico é, portanto, um conceito ligado a aspectos projetados que passam a ser inseridos dentro de recortes territoriais e diretamente atribuídos ao ato da criação e ao ambiente edificado. Assim, a Arquitetura passa a se caracterizar como uma ação direta de criação e, neste sentido, a diferença primordial de um espaço arquitetônico é o fato dele ser baseado na expressão absoluta da habilidade humana. Ao passo que a Geografia inseriu o elemento humano e o elemento de forma construída para formar a atual noção de

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

espaço, a Arquitetura passou a adicionar o elemento natural e social para compor o espaço construído, isto é, existe uma relação de inversão hierárquica dos componentes espaciais que, ao mesmo tempo, podem ser entendidas de forma similar.

Colocando em pauta as diferentes interpretações de espaço, torna-se possível criar um elo entre os distintos conceitos (LOPES, 2012), pois as características do espaço podem ser definidas por uma extensão material em que a disposição da matéria possui uma dada lógica ou coerência, da mesma maneira que a Arquitetura pode ser entendida através da criação e disposição lógica geométrica que organiza o interno e o externo (LEITÃO; LACERDA, 2016). De qualquer modo, em qualquer das perspectivas, é importante salientar que atravessamentos culturais, sociais, econômicos, entre outros, atravessam as transformações espaciais.

Portanto, quando penso em um contexto de transformações sociais, pelo e no espaço, entendo que este emerge enquanto fenômeno que envolve conjuntos de ações sociais, culturais e econômicas e que, em concomitância, sujeitos são produzidos por meio de valores e comportamentos dos locais dos quais fazem parte. Assim, carregam tais dinâmicas em suas próprias constituições e as fazem circular conforme se deslocam por diferentes lugares e grupos (DARSIE; WEBER, 2019).

O espaço é, portanto, um conjunto de relações em determinado período de tempo, englobando a paisagem construída, a natureza e a sociedade. Por este viés, a aproximação das áreas da Arquitetura, da Geografia e da Educação torna-se coerente e necessária, sobretudo no que se refere às espacialidades. As espacialidades, conforme Darsie, Hillesheim e Weber (2021) e Massey (2008) são constituídas por meio dos diferentes modos pelos quais sujeitos transformam o espaço e são produzidos por ele enquanto vivem e desempenham suas funções cotidianas. Desta maneira, espaço e espacialidades são categorias articuladas, marcadas pelos deslocamentos e conexões entre sujeitos em contato com materialidades e subjetividades espaciais.

O espaço e as espacialidades podem ser observados por meio de quatro categorias que servem para a compreensão das dinâmicas socioespaciais e interessam à - no sentido de problematizar a área - Arquitetura: a *forma*, a *função*, a *estrutura* e o *processo* (LEITÃO; LACERDA, 2016). A forma, no campo da Geografia, é entendida como todo o ambiente oriundo do ato da criação humana. Ela, portanto, seria a arquitetura e a paisagem em suas manifestações finais. Tal ideia se distingue do conceito de Forma emergente da Arquitetura,

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

pela sua emancipação. Na Arquitetura e Urbanismo, a Forma e Função de Vitruvius, que atravessa a fundamentação teórica da área, entende que a Forma arquitetônica é soberana em si mesma, pois através de suas estruturas delinea-se a restrição de um determinado território, formando-se assim o Espaço Arquitetônico.

A Forma arquitetônica pode ser entendida como relação de poder que passa a guiar comportamentos e se conecta aos sujeitos que produzem as relações sociais que ocorrem no espaço. Nesta produção, contudo, quando falo em Forma, é a concepção geográfica à qual me remeto, uma vez que o conceito de Forma na Geografia contempla essencialmente as relações humanas além do âmbito material. Acredito que ela possibilita aproximações ao campo da Educação de forma mais ampla, pois como refere Santos (2006), a forma representa um elemento de análise da sociedade através de um elemento construído.

A Função diz respeito ao funcionamento atribuído à Forma. Assim, este conceito serve como amálgama entre a Geografia e a Arquitetura, pois aplica-se aos dois campos. A Estrutura, por outro lado, sofre com um distanciamento significativo em relação ao seu entendimento nos âmbitos da Arquitetura e da Geografia. Para os arquitetos, a estrutura está aliada à concepção material e física e ao desempenho dentro de um sistema construtivo. Na Geografia, segundo Leitão e Lacerda (2016), a Estrutura é entendida como Estrutura Social e Econômica, ligada diretamente ao sistema de organização da sociedade. O Processo é o conjunto de dinâmicas pelo qual a estrutura se movimenta em seu mecanismo de ações dentro do espaço.

É no contexto das dinâmicas espaciais dos processos de estruturas que emerge outra ferramenta relevante para esta discussão, a Morfologia Urbana. Por meio dela se conformam aglomerações e mutações do desenvolvimento das paisagens (TURCZYN, 2019). Segundo Diniz e Oldoni (2017), a Morfologia Urbana pode ser entendida como todos os aspectos de um meio urbano e suas relações quanto a paisagem, sociedade em uma estrutura, seguindo três princípios: a Forma, o tempo, e a resolução. Entende-se então, que uma Morfologia Urbana se caracteriza por uma definição da espacialidade aplicada aos conceitos arquitetônicos.

É a partir da Morfologia Urbana, emergente no campo da Arquitetura, que o corpo urbano é considerado um organismo único. Já que o espaço é um fenômeno que articula materialidades, humanidades e tempos, em constante mutação, é nele que a Morfologia Urbana pode ser compreendida como um recorte analítico, não apenas de demarcação

territorial – em termos de extensão – mas, também como fenômeno arquitetônico, urbanístico, social e educacional, de forma indissociável.

Tendo em conta práticas comportamentais, podemos aproximar “os espaços” da Geografia e da Arquitetura e, por este viés, o espaço passa a ser tratado como um conjunto de práticas discursivas e criação em absoluto, através da própria Arquitetura. O espaço, através da Arquitetura, pode ser, então, denominado como o Espaço de Sentido (SILVA; FILHO, 2020), em referência àquilo que é composto por formas e movimentos em que se exercem modos de relações através das emoções, remontando paisagens vivenciadas através da arte e da linguagem simbólica. Seriam níveis complementares, pois o espaço arquitetônico compõe o fenômeno espacial geográfico através do tempo.

## **1.2 Relações de poder e Espacialidade**

O espaço não pode existir sem algum tipo de materialidade, já que as intervenções dos sujeitos sobre a natureza e demais estruturas não naturais constituem as transformações espaciais através do tempo. É por meio da técnica que o ser humano realiza a união entre tempo e espaço e assim ocorre a empiricização do tempo (SANTOS, 2006). Esse entendimento oportunizou a observação de fenômenos socioespaciais dentro de diferentes perspectivas, entre elas a pós-estruturalista, permitindo discussões acerca das relações do poder que atravessam e produzem sujeitos.

A ideia de relações de poder a partir da perspectiva da Arquitetura será abordada em capítulos posteriores, porém, cabe apresentar neste momento um breve desenvolvimento sobre as discussões acerca das relações de poder desenvolvidas por Michel Foucault. Através da obra *Vigiar e Punir*, é observável que o avanço das transformações nos modos de entender o poder envolveram o que se entende atualmente como espacialidades, já que envolve os dispositivos de regulação da vida e dos meios de produção de sujeitos.

Para Aleikseivz (2016), ao analisar teorias acerca da microfísica e funcionamento do poder, constata-se que Foucault apresenta a eminência do poder disciplinar político em sua aplicação relacionada a materialidade, onde a concepção e desenvolvimento do espaço tornaram-se o pilar central da tecnologia do fluxo de poder através da disposição dos sujeitos no espaço físico. Desta forma, o dispositivo ou artefato de desenvolvimento

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

disciplinar desponta como resultante das ações dos próprios sujeitos, formando paisagens e ambientes que produzem demais sujeitos em um ciclo de transformação eterno – o sujeito molda o ambiente e o ambiente modela o indivíduo. Tal noção indica que a Arquitetura não atua, única e exclusivamente, como objeto ou instrumento biopolítico, mas, por outro lado, como parte de um ciclo de transformações dentro de um recorte espaço temporal, no qual o instrumento produzido é o objeto de fabricação daquilo que pretende produzir.

A perspectiva do espaço como dimensão de um determinado dispositivo disciplinar é abordada de forma ampla por meio das questões do dispositivo carcerário em obras de Foucault (2008), conforme dissertado dentro da pesquisa de Aleikseivz (2016). Por este motivo, um de meus intuitos nesta produção é trazer uma nova perspectiva destes dispositivos envolvendo de forma mais ampla a arquitetura produzida para outro recorte social, como o recorte urbano no desenvolvimento da arquitetura modernista proposta por Le Corbusier e a escola Carioca, em projetos como o antigo Ministério da Educação e Saúde na cidade do Rio de Janeiro. Entendo que este seja um dos referenciais que passaram a transformar a visão sócio espacial do ambiente através da quebra de visão como resistência a uma não naturalidade da paisagem, como é possível observar em projetos como o Museu de Arte Contemporânea de Niterói proposto por Oscar Niemeyer posteriormente concluído em 1996.

A organização espacial opera enquanto resultado e ferramenta da/para aplicação - e ampliação - do poder. Como pode ser observado através dos postulados de Foucault (2014), as relações de poder relativas à construção de muros e paredes ou aos jogos de força que atravessam o corpo social e, conseqüentemente, as espacialidades, ocorrem em todas as parcelas e escalas do espaço e, por meio delas, os sujeitos - aqueles indivíduos assujeitados pelas relações de poder (RITTER 2018) - são produzidos. Essas relações podem ser compreendidas como tecnologias disciplinares ou dispositivos de controle, com o propósito de funcionarem como elementos que constituem as subjetividades que por sua vez produzem modos de ser dos sujeitos, o que Ritter chama de “resultante de relações de poder-saber”.

Seguindo os conceitos de Michel Foucault abordados por Ritter (2014), quando pensamos em biopolítica, passamos a operar com aquilo que o autor chamou de “a arte de governar a vida humana”. Desta forma, a partir de meados do século XVIII, passou-se a

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

racionalizar as problemáticas da prática governamental ao se analisar a história, tornando possível transcorrer sobre as transformações do uso do espaço ao longo dos séculos.



*Figura 8 – Museu de Arte Contemporânea de Niterói – Oscar Niemeyer  
Fonte: Portal ArchDaily Brasil*

### **1.3 A Governamentalidade**

A governamentalidade, partindo de Foucault, pode ser entendida como um conjunto de processos, análises, instituições e estratégias que buscam desempenhar formas de poder em uma determinada população, utilizando-se, geralmente, de estratégias de economia política (OLIVEIRA, 2019). Frequentemente, Foucault utiliza em suas obras o

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

conceito de governamentalidade como base para as relações de poder através do governo das sociedades e, dessa forma, é possível investigar o surgimento do Estado. Por este viés, a arquitetura biodisciplinar, mencionada por Ritter (2016), se relaciona com a governamentalidade de duas formas: através do disciplinamento dos corpos e do governo das populações.

Quando pensamos no espaço social, a arquitetura é inserida como uma ferramenta dessa prática de governamentalidade das populações. Ritter (2016, p. 109) afirma: que “a disciplina tem um controle em espaços mais fechados, enquanto o biopoder atua em um espaço mais aberto, isto é, a disciplina é o poder sobre o corpo; o biopoder é o poder sobre a vida, como espécie”. Assim, a concepção dos espaços urbanos lida diretamente com o poder sobre a espécie, através de delimitações físicas (RITTER 2014), ou através da paisagem em uma influência indireta, diferentemente de um poder de soberania da arquitetura medieval.

O urbanismo moderno se constituiu através de influências tácitas ao entorno do corpo social. Estas relações de governamentalidade moderna, baseadas em novas formas de tecnologia e desenvolvimento urbano, estão ligadas diretamente a própria racionalidade do Estado ligada ao mercantilismo econômico mediante o crescimento da população a partir do século XVIII (OLIVEIRA 2019), e posteriormente deram início ao cidadão econômico e biológico abordado por Rose (2013) como apresentarei em capítulo posterior. Portanto, a Arquitetura das cidades modernas pode ser notada como fator primordial do desenvolvimento da governamentalidade uma vez que a sociedade atinge um determinado desenvolvimento tecnológico, isto é, as principais demonstrações do desenvolvimento da concepção de novos projetos a partir do início do século XX encontram-se ligadas diretamente ao avanços das tecnologias construtivas que assim permitem a inserção de novas formas, métodos e olhares, como por exemplo a utilização do concreto armado. Podemos verificar em edificações como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro inaugurado em 1952, tendo sido projeto por Affonso Reidy explorando seções transversais de pórticos trapezoidais permitindo a livre circulação no contexto público da época como será demonstrado mais a frente, porém é, imprescindível aqui tensionar a tecnologia como parte da evolução dos tensionamentos de governo utilizando a arquitetura das paisagens.

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*



*Figura 9 – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em Construção - Affonso Eduardo Reidy*      *Fonte: Portal ArchDaily Brasil*

*“O espaço arquitetural é um espaço criado, originado – e não apenas modificado ou transformado – pela e para a ação humana, ante um ambiente natural que se dá como espaço para o homem, preexistente, portanto, a qualquer ação humana.”*

*Lacerda e Leitão (2016, p.811)*

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos

CAPÍTULO II

PAISAGEM, AMBIENTE E MORFOLOGIA URBANA



Figura 10 – Torre de TV de Brasília – Lucio Costa  
Fonte: Portal ArchDaily Brasil

*“É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Essa forma de ver a técnica não é, todavia, completamente explorada.”*

*Milton Santos, (2006, p.16)*

Espaço, paisagem e ambiente são conceitos distintos, mesmo que existam de forma articulada. Assim, partindo da apresentação do conceito de espaço, inicio o desenvolvimento da ideia de paisagem e discuto como tal está intrinsecamente amarrada às relações de poder que envolvem as espacialidades, a morfologia urbana e a produção de sujeitos. É através da paisagem que a forma construída se comunica com os sujeitos, no âmbito das espacialidades, transformando-se em elemento que educa, produz e se transforma por meio das relações sociais, quando falamos aqui em paisagem, está encontra-se definida pelas lentes das obras de Milton Santos ao abordar as formas físicas que expressam relações de poder em um determinado recorte temporal.

## **2.1 A Paisagem**

Para Santos (2007), a paisagem deve ser entendida como um conjunto de formas naturais ou construídas, que expressam relações entre o ser humano e o ambiente, de forma sucessiva. É através dela que estão expressas, em conjunto, as relações vivas, produtivas e materializadas que constituem o espaço. Deste modo, entendo a paisagem enquanto um conceito operacional que permite observar o espaço sob uma dimensão que considera a conjunção de elementos naturais, tecnificados, socioeconômicos e culturais sobrepostos e interligados. É a paisagem que expressa, materialmente, as relações de poder que são estabelecidas em determinados lugares e épocas (DARSIE, HILLESHEIM; WEBER, 2017).

O conceito está presente na Arquitetura, na Geografia, na Literatura, e na Filosofia, assim como em diversas outras áreas, estabelecendo-se a partir da ideia de recorte visual. A relação da paisagem com o ser humano encontra-se presente em quase toda a história da humanidade, pois desde a construção dos primeiros muros, como forma de proteção, iniciou-se a modificação daquilo que pode ser visto e significado (MAXIMIANO, 2004), ao qual conceito passou por inúmeras modificações ao longo de sua constituição e, desde as primeiras ideias até as contribuições mais recentes, foi sendo transformado. Tal fato fez com que o seu alcance pudesse ser discutido, ampliado e questionado, servindo, assim, de apoio para diferentes análises. Sua relação com os sujeitos pode ser entendida como algo

que se mantém presente em diversas áreas de estudo, em diferentes momentos, por meio de diferentes intenções. Deste modo, destaco que a paisagem atravessa modos de vida.

A paisagem pode ser entendida como um resultado das relações entre elementos físicos, antropológicos e biológicos. Sobre isso, Bernardes (2019) argumenta que ela é composta por um conjunto de objetos reais, caracterizados pela sua distribuição em sistema material relativamente imutável. Assim, a paisagem torna-se um componente racional do espaço, sendo resultante do acúmulo seletivo do ato da criação da forma em sua totalidade. É correto afirmar que a paisagem é de fato múltipla – paisagens –, por se tratar de recortes de conjuntos de artefatos culturais construídos pela humanidade que podem ser observados, comumente, dentro de contextos urbanos (BERNARDES, 2019).

Dada uma perspectiva material, é possível constatar que a paisagem é a resultante de um constante processo acumulativo do espaço-tempo (SERPA, 2010), formando um mosaico de retalhos de diversos períodos históricos e, por esse viés, torna-se composto por formas e funções que estão em permanente processo de transformação, em concomitância com o espaço. Tais transformações podem ser visíveis e invisíveis. Dentro do aspecto arquitetônico, um recorte paisagístico é visível como uma fotografia do espaço-tempo, assim como sua composição formal e estrutural, porém, o fator social que compõe esses recortes é, à primeira vista, invisível estando associado diretamente às relações de poder que conduzem sociedades (SERPA, 2010).

Um recorte de paisagem é modificado pelo período histórico em que está inserido, não apenas pela modificação física, mas pela mudança de condutas, comportamentos e pensamentos de cada grupo, oportunizando constante mutação do corpo urbano.

## **2.2 A Morfologia Urbana no contexto da paisagem**

A morfologia urbana, mencionada no capítulo anterior, pode ser entendida como o estudo da forma urbana enquanto estrutura exterior do objeto arquitetônico (DINIZ e OLDONI, 2017). O estudo das morfologias é definido como análise dos aspectos urbanos e do cumulativo de integrações sociais, como organismo volúvel composto pela paisagem e integrante da espacialidade em sua totalidade. Portanto, apresenta a capacidade de identificar tipologias do desenvolvimento da paisagem, fluxos e crescimento das cidades dentro de uma perspectiva urbanista como afirmado por Diniz e Oldoni (2017).

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

Partindo da etimologia do termo morfologia urbana, esclareço que sua origem se refere ao termo grego *morpho*, que significa forma no sentido de aparência. Aplicada a área do Urbanismo, emerge o estudo da forma de centros urbanos que incluem todo o conjunto de delimitações territoriais e representações geográficas aliadas às dinâmicas sociais, como afirmado por Diniz e Oldoni (2017). É coerente dizer que a morfologia urbana é a expressão utilizada na área da Arquitetura para a definição de espaço cunhada por Santos (2006). Embora o espaço seja um conceito abordado com uma maior profundidade e permita a análise das sociedades, a morfologia urbana é utilizada como base técnica de projetos de planejamento urbano dentro da Arquitetura. Neste sentido, se mostra relevante neste estudo, pois ao abordar a paisagem e o espaço, por meio de obras modernistas, emergem questões relevantes do e para o campo da morfologia urbana.

Outro ponto importante a ser abordado dentro da morfologia urbana é o tempo, assim como este elemento não pode ser separado do espaço, segundo Santos (2006), a morfologia urbana é constituída de forma material pelo tempo passado e presente (LYNCH, 1997), pois a imagem da cidade é formada pelas características históricas das sociedades que a produziram/produzem, a partir da ideia de elementos de percepção do entorno. De certo modo, apesar da morfologia envolver dinâmicas que orientam pensamentos projetais, a ideia de paisagem se encontra fortemente associada ao seu desenvolvimento.

A arquitetura, assim, não pode ser concebida fora de um contexto de planejamento do urbanismo, portanto destaco que nenhuma prática arquitetônica está eximida do planejamento urbano, apesar desta ideia não ser um consenso entre os arquitetos e urbanistas e projetos de planejamento urbano na Arquitetura. Neste sentido, se mostra relevante neste estudo, pois ao abordar obras modernistas, deparo-me com questões relevantes no campo da morfologia urbana. Resgatando conceitos de paisagem de forma a unificar o pensamento sobre ela no campo da Geografia, considerando que todos os fenômenos naturais bem como aspectos econômicos e sociais influenciam na construção de determinada paisagem (MACIEL; LIMA, 2011).

Cada característica forma um conceito único de paisagem, que é unificado por uma sociedade moderna envolvendo toda a relação dos sujeitos com a natureza. Isto é, o mimetismo da arquitetura com a natureza, forma condicionantes de projetos de determinadas paisagens, funcionando como parte dos fatores que dão a determinada

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

paisagem uma característica única dentro do espaço-tempo, desenvolvendo uma cultura única daquela região.

A relação da paisagem com o ser humano, conforme já foi dito, encontra-se presente em quase toda a história da humanidade, já que fatores econômicos são evidenciados desde a Roma antiga até a idade moderna. Para a área da Geografia, a paisagem pode ser entendida como um resultado das relações entre elementos físicos, antropológicos e biológicos modificados antropologicamente.

Nas obras Milton Santos, a paisagem geográfica pode ser concebida como um conjunto de objetos reais caracterizada por uma distribuição de determinados objetos em sistema material relativamente imutável (BERNARDES 2019), assim, a paisagem torna-se um componente racional do espaço, sendo resultante do acúmulo seletivo do ato da criação da forma em sua totalidade. A paisagem torna-se, de fato, um recorte espacial de um conjunto de artefatos culturais construídos pela humanidade e compostas pela mesma.

Dada uma perspectiva de estruturas físicas, é possível constatar que a paisagem funciona como o resultante de um constante processo cumulativo e contínuo do espaço e do tempo, portanto uma paisagem pode ser considerada um objeto de observação e interação composto de retalhos de diversos recortes históricos inseridos ao longo do tempo, por esse viés, torna-se composto por formas e funções que estão em constante processo de transformação (SERPA 2010).

Tais conjuntos de tempo-espaço na paisagem, tendem a ser invisíveis se considerados as heterotopias de Foucault (1986) e, dentro do aspecto arquitetônico, um recorte da paisagem é entendido como uma fotografia deste próprio espaço tempo, assim como sua composição formal e estrutural. Porém, os atravessamentos sociais que compõem esses recortes são invisíveis, estando associados diretamente ao tempo. Um recorte paisagístico é modificado pelo momento em que se está inserido, não apenas pela modificação física. É a mudança de condutas, comportamentos e pensamentos de cada geração, dos quais o processo faz parte, que importa e garante constante mutação do corpo urbano.

A Arquitetura, assim, não somente molda a paisagem, balizada pela ideia de morfologia urbana, mas transforma o espaço e as relações que lhe constituem (PANERAI; CASTEX; DEPAULE, 1978). Portanto, as morfologias dependem das sociedades que as

produzem, sendo atravessadas pelos acontecimentos históricos, pelas crises urbanas, pelas relações de poder.

### **2.3 Noções do Ambiente**

Os ambientes são tratados como meios físicos nos quais a Arquitetura alcança um nível de significação, aproximando-se, portanto, das ideias de espaço e de paisagem que são abordadas pela perspectiva geográfica. Assim, argumento que edificações podem ser consideradas artefatos culturais que compõem o espaço, a partir das paisagens que se constituem em relação à morfologia urbana. A partir desta ótica, a paisagem se torna uma estratégia biopolítica, a partir de seus elementos e de suas relações com os demais.

Podemos nos atentar ao analisarmos a obra de Lynch (1997), para uma organização da identificação do ambiente. O autor expõe, de forma breve, o conceito com base nos parâmetros de desenvolvimento das cidades ao definir as paisagens e propor que o ambiente se torna legível ao possibilitar uma experiência urbana de forma mais acentuada quando introduzindo o sujeito à morfologia geral das cidades. Desta forma, a cidade passa a explorar uma real competência da expressão visual e de toda a sua profundidade.

Segundo Lynch, a compreensão do ambiente pode ser desenvolvida ao se verificar a existência de três principais componentes: a estrutura, a identidade e o significado, isto é, a identificação de um ambiente ou paisagem em específico, implicaria talvez na distinção em relação a outras formas em seu entorno, sendo reconhecida pela singularidade a que está submetida dentro de um componente do espaço físico, ou seja, a paisagem arquitetônica dentro do ambiente urbano caracteriza-se especificamente pela sua identidade, ou conceito de projeto, onde a imagem da cidade possuiu assim, as características em relação a paisagem com o observador, e a priori, esta definição da composição do ambiente passa a ser denominada como uma estrutura dentro da imagem urbanística (LYNCH 1997).

### **2.4 As Heterotopias**

A paisagem como elemento urbano, composto pela arquitetura, deve ser entendida como um instrumento de poder, ao passo que pode ser categorizada também como

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

instrumento jurídico-político (FOUCAULT 2017). Isto significa que podemos entender que a paisagem funciona efetivamente como instrumento de desenvolvimento limitador dos fluxos sociais dentro dos contextos urbanos, delimitando a percepção geral do sujeito e operando na produção de modos de ser e de estar no espaço. Desta forma, é possível pensar que quando a paisagem é tomada para estudo, se torna protagonista da relação poder-espaço.

Tais ideias estão expostas junto ao conceito de heterotopia (FOUCAULT, 1986), sendo detalhadas na publicação *De Outros Espaços*, produzida a partir de uma conferência proferida durante o período em que Foucault atuou como professor visitante na Tunísia, publicada quase duas décadas posteriormente. Em outras palavras, as heterotopias podem ser descritas como lugares cujas características não sejam de todo perceptíveis, isto é, recortes espaciais que funcionam em forma de multicamadas de complexidade em condições não hegemônicas.

O primeiro princípio que define uma heterotopia espacial é o de que todas as culturas a formam ao longo da história. É o que Foucault chamou de “uma constante de todo e qualquer grupo humano” (FOUCAULT, 1986). Mesmo que o pensamento crítico em torno da paisagem só tenha nascido após a segunda metade do século XX, estas relações de forma e paisagens podem ser encontradas em toda relação do ser humano com o ambiente, desde as primeiras formações de sociedade.

O segundo princípio inflige aquilo que associamos ao tempo. Foucault (1986) discorre que as heterotopias sofrem transformações em relação às suas funções, estando associadas a diferentes relações de acordo com o tempo em que estão inseridas. Mais uma vez, o fator tempo está diretamente ligado às espacialidades. Tal questão pode ser exemplificada a partir das relações com edificações modernistas do século XX, já que obras como a antiga sede do Ministério da Educação e Saúde, projetada pela Escola Carioca de Arquitetura, tem sua significação alterada em cada época em que as sociedades se encontram. Uma vez vista como artefato transformador e monumento de inovação social durante a década de 1940, hoje a obra se encontra inerte em relação a outros tantos projetos que a cercam. Para muitos daqueles que nasceram a partir do novo milênio, esta obra passa a significar não mais que a representação de inovação de outra era, sendo considerada apenas um artefato histórico em meio ao ambiente urbano contemporâneo.

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*



*Figura 11 – Terraço Jardim MES – Burle Marx  
Fonte: Portal ArchDaily Brasil*

No terceiro princípio das heterotopias podemos identificar a noção de sobreposição e representação de diversas tramas através do paisagismo, dentro de exemplares no Brasil. O paisagismo de Burle Marx demonstra na recriação das correntes do rio Amazonas, através do jardim da parte superior do projeto do Ministério da Educação e Saúde. Estas transposições de diferentes ambientes através de um elemento único, compoem a Arquitetura por meio do que podemos entender como heterotopia até o momento, em todos os seus elementos projetuais, técnicos e paisagísticos dentro do movimento modernista brasileiro. Nessa constante, o quarto princípio é o que Foucault chama de heterocronias, entendidas como peças funcionais das espacialidades que operam de forma cumulativa. Um exemplo clássico seriam museus, bibliotecas e cemitérios, mas podemos encontrar essa relação em quase todas as obras clássicas das paisagens, até mesmo em praças onde a vegetação passa a se desenvolver por anos e anos, ou através de expressões

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

artísticas urbanas. O próprio corpo vivo, a morfologia urbana em constante transformação, é uma forma de heterocronia, pois é através do tempo que podemos gerenciar a ideia de acúmulo cultural em um artefato do ambiente.

O quinto princípio de Foucault, envolve a ideia central da concepção e arquitetura como o preenchimento de um espaço (LEITÃO; LACERDA 2016). Tal espaço possui uma delimitação territorial própria, podendo ser ou não visível, como a delimitação de zonas e vias centrais que controlam de forma indireta a entrada e saída. Este princípio é o que podemos pensar como marcos de acesso e livre transição que passam a ser desestabilizados pelo uso de pilotis. Os pilotis são caracterizados como um conjunto de colunas que servem de sustentação estrutural para uma obra ficando expostos de forma visível no térreo e assim garantindo o acesso livre do pavimento térreo, transformando locais de implantação de obras em espaços públicos, uma clara mudança dos tempos em relação ao processo de apropriação de parcelas espaciais como é possível verificar em especial no projetos de Affonso Reidy como a antiga sede do Ministério da Educação e Cultura e também do Conjunto Habitacional Pedregulho.



*Figura 12 – Conjunto Habitacional Pedregulho – Affonso Reidy  
Fonte: Portal ArchDaily Brasil*

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

Parto então para o último traço das heterotopias: as heterotopias devem funcionar como uma noção de expansão territorial ou símbolo através da ilusão do preenchimento do espaço (FOUCAULT 2017). Assim, operam na criação de recortes espaciais próprios, com suas próprias regras de funcionamento, seus horários, em forma de corpo vivo. Seria isto a própria noção do urbanismo, o ambiente urbano, a sua morfologia com todas as suas delimitações territoriais, onde identificamos a imagem da cidade (LYNCH 1997). Tal imagem passa a ser classificada pela existência de cinco elementos principais destacados por Lynch: fluxos, marcos, bairros, limites e pontos nodais, onde tais elementos adquirem através do tempo, características próprias de identificação dos sujeitos para com a paisagem em constante mutação. Desta forma podemos tensionar que a imagem da Cidade de Lynch é nada mais que uma perspectiva técnica dentro do urbanismo para o espaço social e paisagem geográficos de Milton Santos, e portanto, é através de seus elementos que ocorrem os fluxos da biopolítica no espaço.

Como resultante de uma aproximação entre a Arquitetura e a noção de espaço disciplinar de Foucault (2008), não seria equivocado afirmar que a própria concepção de estilos e movimentos de conceitos de projetos, como o modernismo, durante o século XX, formam um resultante quase perfeito das heterotopias foucaultianas, como apresentarei nos demais capítulos. As próprias identificações do recorte espacial com os indivíduos caracterizam, de certa forma, através das estratégias urbanas adotadas em Brasília por Lúcio Costa ou o enredo de convivência de habitações de Affonso Reidy, os elementos constituintes da heterotopia foucaultiana. Isto é, a arquitetura moderna é um exemplo direto de como o espaço social é intrinsecamente ligado às biopolíticas, resultando em heterotopias, onde tais conexões são perceptíveis nos momentos em que é possível atravessar um recorte temporal para que seja permitida análise através das décadas.

Desta maneira justifico a escolha pela análise de projetos urbanos decorrentes do século passado, ao passo que estes só podem ser observados de tal maneira por já terem, por exemplo, passado pela terceira característica Foucaultiana das heterotopias, a sobreposição e representação de tramas. Retomo que Foucault (2017) utiliza como exemplo o paisagismo, pois é um exemplo bastante didático de como a sobreposição temporal é um traço marcante e único. Ao implementarmos um parque ou paisagismo sistemático como referenciado a Burle Marx, leva-se um determinado período de tempo para que a vegetação e as árvores afluam, desta forma, um conjunto espacial que seja de

# ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos

fato uma ferramenta cultural de atravessamento de sujeitos passa a estar associada a um período de transição para o recorte da paisagem.

Tais noções são facilmente observadas nos primeiros parques da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, como exemplo o Parque Marinha do Brasil inaugurado em 1978 como parte do projeto CURA ou Projeto Renascença que buscava um desenvolvimento do plano diretor e requalificação do então novo espaço da orla do rio guáiba conforme é possível constatar na pesquisa da arquiteta Luciana Giacomet Barbosa (2016), intitulado *Parque Marinha do Brasil: Um parque, Três Projetos*. O parque assim, nasce com o ideal de desenvolver o espaço ao qual foi implantando e, portanto, atravessa algumas gerações durante seus 50 anos de existência, passando inicialmente de um ponto chave de encontro dos nós centrais do fluxo urbano da cidade, com áreas de lazer, espaços frutíferos para um ambiente hostil marcado pelo excessivo crescimento da vegetação e sombreamento dos seus perímetros internos datado até o momento desta pesquisa.

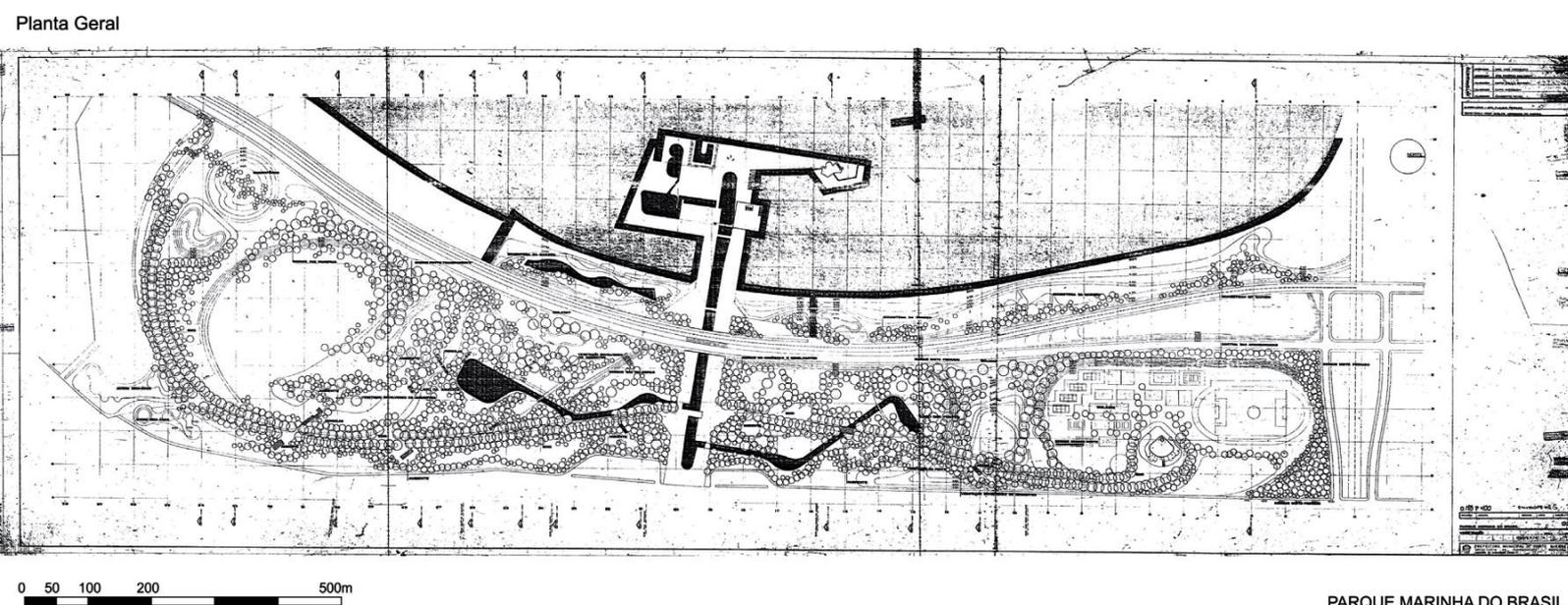


Figura 13 – Prancha original do projeto de Mizoguchi e Malinsky para o parque.  
Fonte: Luciane Barbosa (2016)

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

O que podemos entender desta análise é a mudança radical de sobreposição de significados da paisagem dentro dos espaços como proposto por Foucault (2016), o ambiente de heterotopia é então ressignificado pela mudança de olhares através das diferentes gerações sociais que estão sendo atravessadas por estas paisagens. Se vivemos em uma heterotopia nascente no momento atual, a análise desta está intrinsecamente ligada ao momento futuro que sua observação é feita, e, portanto, presa ao espaço tempo como demonstrado nos tensionamentos propostos por Milton Santos nos capítulos anteriores.

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos



Figura 14 – Parque Marinha do Brasil – Mizoguchi e Malinsky  
Fonte: Autor

*“A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual.”*

Milton Santos (2006, Pag. 67)

**CAPÍTULO III**  
**A BIOPOLÍTICA E A ARQUITETURA**



Figura 15 – Palácio do Planalto – Oscar Niemeyer  
Fonte: Portal Archdaily Brasil

*“Parece-me que, no final do século XVIII, a arquitetura começa a se especializar, ao se articular com os problemas da população, da saúde, do urbanismo. Outrora, a arte de construir respondia sobretudo à necessidade de manifestar o poder, a divindade, a força. O palácio e a igreja constituíam as grandes formas, às quais é preciso acrescentar as fortalezas; manifestava-se a força, manifestava-se o soberano, manifestava-se Deus. A arquitetura durante muito tempo se desenvolveu em torno destas exigências. Ora, no final do século XVIII, novos problemas aparecem: trata-se de utilizar a organização do espaço para alcançar objetivos econômico-políticos.”*

Michel Foucault (2014 p. 184)

As reflexões que envolvem o espaço, desde as formas físicas até as imateriais, bem como as questões políticas, sociais e econômicas, transitam e se modificam de acordo com os diferentes modos de pensar ao longo da história. Dessa maneira, pode-se tensionar as diferentes concepções de mundo de acordo com os acontecimentos históricos de cada época. Assim, emergem questionamentos sobre os princípios que norteiam a concepção da construção associada à produção de sujeitos. Tais questionamentos podem ser traduzidos em ideias acerca da noção de que as materialidades do espaço e as sociedades são moldadas em conjunto, alterando-se continuamente e, portanto, a forma e a influência exercida de cada parte se modificam constantemente.

A partir das noções de espaço, já trazidas nos capítulos anteriores, podemos partir para uma ótica mais aprofundada sobre a paisagem arquitetônica em si, por meio da qual pode-se entender as edificações arquitetônicas que formam a paisagem e a morfologia urbana como reais formas de subjetivação, governamentalidade e relações de poder (COSTA, 2014; RITTER 2014).

Assim, o espaço pode e deve ser reconhecido por sua produtividade e constante mudança que englobam todos os aspectos de tempo e habitação, por este viés, se a biopolítica pode ser considerada como uma estratégia que mira efetivamente na produtividade e no desenvolvimento da vida, podemos considerar por exemplo, uma noção de espaço como sendo a do controle de curso de corpos (RITTER 2017), portanto, uma governamentalidade de sujeitos.

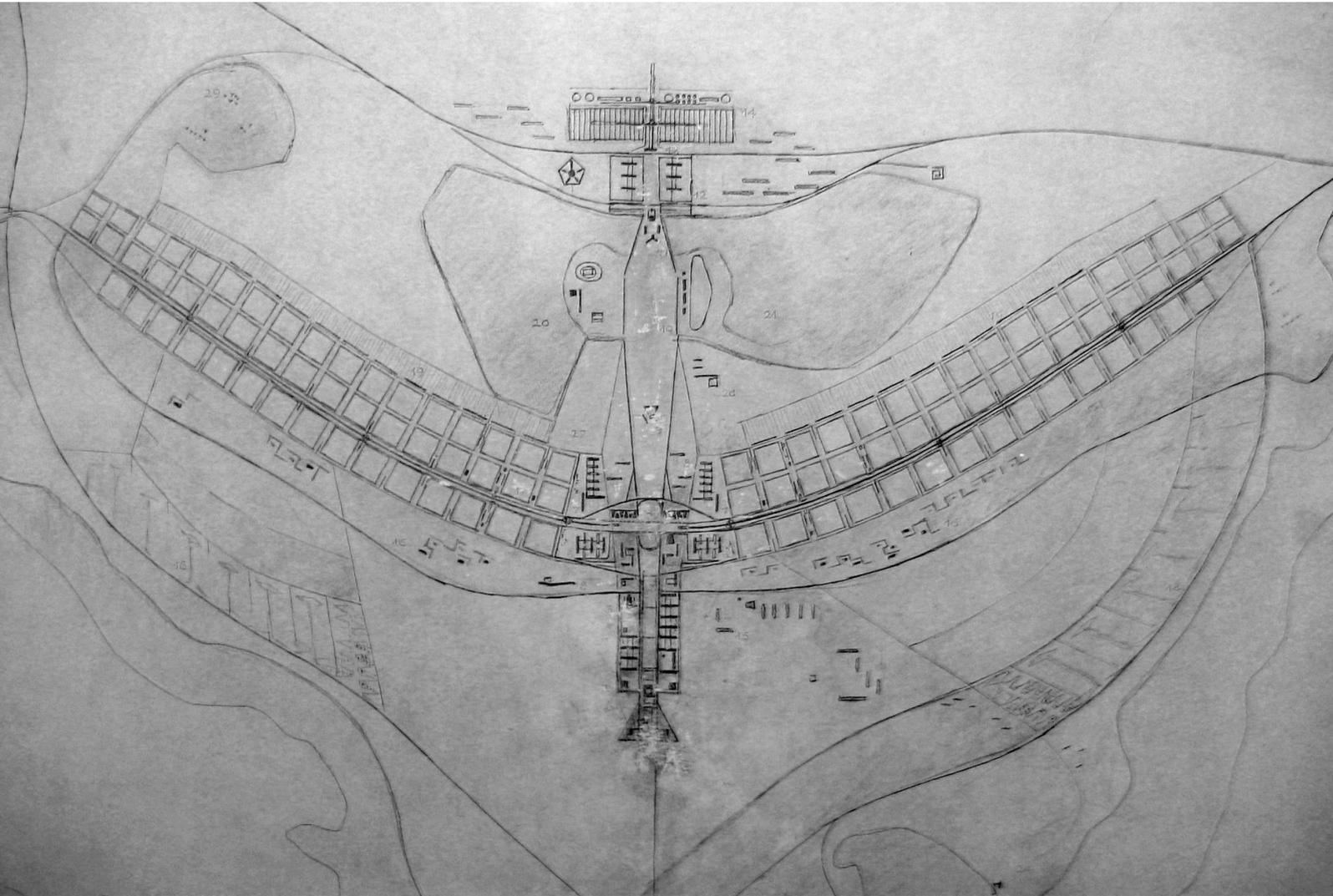
### 3.1 A Utopia Brasileira

Ao analisarmos a construção da narrativa do Utopia brasileira, através do estudo “*Anotações sobre as origens de uma ‘Brasília Vermelha’ ao Sul de Paris, em Vitry-sur-Seine (1958-1973)*” entendemos que a atual capital brasileira foi concebida para se tornar uma forma de arquétipo de utopia, como uma imagem modelo do que foi chamado à época de ‘comunismo municipal’ (SOUZA, 2015). Assim, foi pensada mudando não somente questões hierárquicas de morfologia urbana, como também reformulou o que chamo de sistema educacional das cidades. Entendo que tais aspectos demonstram como o planejamento urbano passou a ser considerado uma ferramenta estratégica de

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

governamentalidade onde a distribuição de recursos aos servidores públicos, por meio da qual o novo Distrito Federal foi idealizado, operou como um instrumento para que se pudesse manter a distância da pressão por políticas públicas que emergia da população na época (SOUZA, 2015).



*Figura 16 – Prancha Original do projeto de Brasília*

*Fonte: Portal Institucional Brasil de Comunicação*

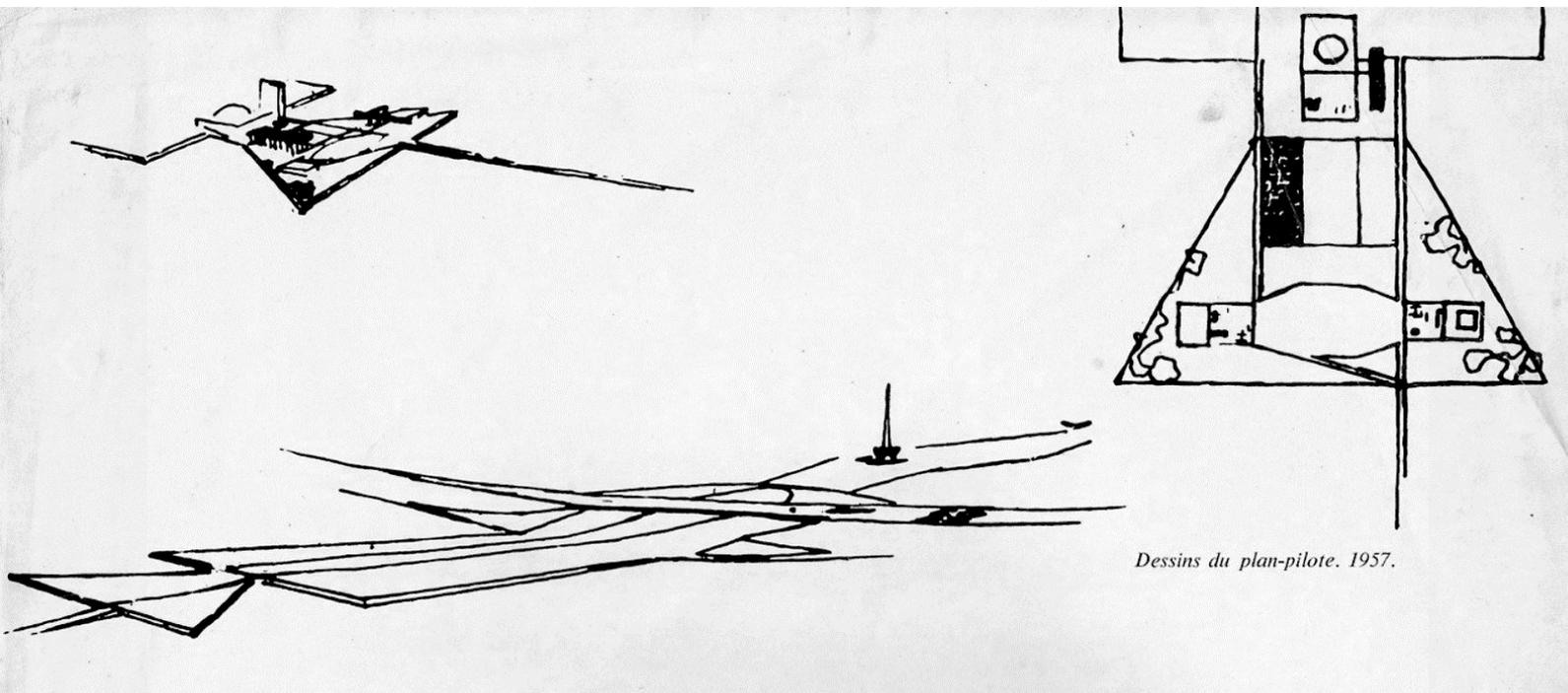
A cidade de Brasília, acima de tudo, funcionou como dispositivo de transformação social, educacional e cultural, dentro dos parâmetros de espacialidade na metade do século passado, através da própria simbologia modernista como artefato cultural. A própria

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

concepção de uma nova capital modernista com suas características, muda de forma significativa os fluxos de poder, estando atrelada ao tempo em que foi projetada.

Pela concepção do plano piloto por Lucio Costa no decorrer da década de 1950, a ideia fundamental que sustentou o primeiro eixo central urbanístico de Brasília, poderia ser traduzida por meio da ideia de coletividade, pois as ruas largas e sinuosas, pensadas para a mobilidade em grande escala e preenchidas pela chamadas "superquadras", foram propostas em projetos com o mesmo propósito de Le Corbusier (2000) que visava a produtividade e os meios de vida modernos.



*Dessins du plan-pilote. 1957.*

*Figura 17 – Croqui original Praça três poderes - acervo pessoal de Lucio Costa  
Fonte: Revista MDC de Arquitetura e Urbanismo*

Lucio Costa utilizou uma divisão de quatro escalas fundamentais durante a concepção do plano urbanístico da cidade. Tais escalas encontram-se definidas no documento redigido pelo próprio arquiteto, intitulado "Brasília Revisitada", publicado em uma edição especial da revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no ano de 1990, endereçada ao então governador José Aparecido. Para o entendimento de como tais decisões projetuais operam enquanto estratégias biopolíticas,

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

destaco que a primeira escala é chamada de Escala Monumental, presente no eixo da avenida central. Nela configura-se o local onde encontram-se as atividades de administração do governo federal. Ao final do eixo monumental, encontra-se a Praça dos Três Poderes, projetada por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, em que os arquitetos propõem uma forma de alcance totalmente permeável aos edifícios administrativos, contrapondo os antigos portões de palácios de governantes ao modo imperial.

Caminhar livremente entre os acessos e a praça dos governos seria uma forma de transmitir a horizontalidade de fluxos de poder e mudança do status dentro de uma política governamental e, portanto, uma forma de tensionamento político e dos modos de viver. Esta decisão projetual tornou-se, durante a metade do século XX, uma nova forma de assujeitamento. Destaco que aos nascidos em anos posteriores a esta época, em solo brasileiro, pouco imaginam que um prédio público não possuiria um acesso público, assim como a praça que liga os três poderes pode ser considerada um contraponto ou analogia aos antigos palácios imperiais inacessíveis a plebe.

A segunda escala definida por Lucio Costa (1990), chama-se "Escala Residencial". Nesta, encontramos outro arquétipo da produção de sujeitos tensionada no projeto da capital em que, segundo as palavras do arquiteto, foi concebida para “proporcionar uma nova maneira de viver”. É através da escala residencial que a faixa de superquadras, onde estão implementados os blocos de residências, compõe uma ordem de implantação, tendo limitação de altura, faixas de vegetação, praças, escolas, serviços públicos de saúde. Todas estas ferramentas em torno de cada superquadra, criando uma nova maneira de vivência, visavam oportunizar laços de interação social e fluxos de poder que diferem de seus antecessores. Privilegiava-se uma lógica de coletivismo, já que cercas e muros eram terminantemente proibidos e todos os blocos estavam suspensos sobre pilotis, permitindo a livre circulação pelo térreo de todas as quadras.

Assim, quando Lucio Costa propõe tal permeabilidade, negando os limites territoriais de posses do térreo de áreas de residências, esta manobra torna-se uma estratégia capaz de ordenar e produzir novas formas de entendimento do espaço pelos moradores e visitantes da cidade. A relação de pertencimento ou apenas de posse, sofre uma modificação significativa, como apresentarei adiante, mais detalhadamente, em outras obras modernistas do Brasil.

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

Cabe citar também a Escala Gregária, composta pelos quatro cantos do cruzamento central dos dois grandes eixos das escalas monumental e residencial, onde ficam situados prédios institucionais e áreas de lazer, cinemas, estações de rádio e televisão, praças, entre outros equipamentos. Uma conexão em que todos os pontos convergem, onde o povo das cidades satélites forma um único corpo, em massa e em ação. Assim, se o centro urbano é um organismo vivo, a escala gregária é o coração das vivências e atividades do fluxo diário dentro do espaço.



*Figura 18 – Imigrações durante a inauguração de Brasília*  
*Fonte: Thomaz Farkas*

Por último, destaco a Escala Bucólica, pensada com o propósito de manter o contato social junto a natureza, mesmo dentro de um ambiente urbano, sendo implantada em toda a cidade. A escala bucólica é o elo de ligação entre as demais escalas, sendo caracterizada pelo cinturão verde, praças e demais áreas de paisagismo dentro das superquadras. Desta forma, cada uma das escalas de Brasília funciona de maneira distinta da interação do fator social para com o espaço, é através deste fluxo essencial do habitar que a lógica de governamentalidade funciona dentro da ideia de concepção projetual do urbanismo de Lucio Costa (1990).

### 3.2 Arquitetura Biodisciplinar de Brasília

A arquitetura pode ser concebida dentro das inúmeras formas de significação, como uma arte que produz modos de pensar através das histórias, utilizando-se do panorama geral do observador. De certa forma, é uma ferramenta de controle e produção de poder disciplinar que passa a utilizar métodos de hierarquia e vigilância (FOUCAULT 2011). A Arquitetura funciona como operador de transformações de indivíduos através do controle interno dos ambientes, podendo ser denominada Arquitetura Biodisciplinar (RITTER, 2018). Estes métodos de controle podem ser considerados uma demonstração da eficácia de ferramentas projetuais, que moldam a concepção dentro da execução obras arquitetônicas inseridas em um componente urbano, que por sua vez atuam como artefatos biopolíticas e alteram comportamentos e espacialidades. Os projetos arquitetônicos passam, então, a serem concebidos com um propósito que vai além da pura criação, pois buscam gerar transformações sociais.

Segundo as ideias de Catalão (2010), no artigo *Brasília, da concepção ao espaço produzido*, em que discute a produção do espaço físico de Brasília, o termo “espaços de ação” é utilizado para definir as práticas espaciais que modelam as condutas de sujeitos na concepção da metrópole, admitindo que através da conformação da cidade o espaço físico não foi produzido ingenuamente. Para o autor, decisões foram tomadas para definir modos de vida urbana singulares à época da sua idealização, isto é, podemos pensar que a concepção de Brasília possui foi uma ferramenta biopolítica.

Originado a partir de burgueses, no contexto da sociedade capitalista industrial, o poder disciplinar nasceu como uma forma de aperfeiçoamento das técnicas de

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

gerenciamento da sociedade, por meio do panoptismo e da arquitetura, através das clínicas e hospitais (RITTER, 2017). Contudo, a ideia aqui é estabelecer uma ligação entre a arquitetura modernista do Brasil e as relações de poder e, por este viés, observar as formas de poder que atravessaram a edificação das habitações sociais da metade do século XX, através de modos de subjetivação oportunizadas pelas técnicas disciplinares.

Quando Lucio Costa adota um viés de transformação de estilo baseado em Le Corbusier, isto significa não somente uma mudança estética, mas sim uma concepção política, totalmente inovadora para o contexto do país, à época, onde o distanciamento dos estilos neoclássicos e ecléticos dos conjuntos de palacetes do final do século XIX remontam uma morfologia ligada a conceitos de paradigmas de mudança social. Não mais as demarcações em fachadas passam a ser formas de demonstração de hierarquia e uso de arquétipos de poder. No lugar disso, passamos a observar uma arquitetura baseada nos cinco pontos de Le Corbusier (2008), tais pontos serão melhor demonstrados em relação a sua aplicação no capítulo posterior, porém aqui abrimos espaço para uma breve relação: 1) janelas em fita estabelecem uma posição de hierarquia de funções igualitárias; 2) A fachada livre sobre pilotis é conseqüentemente uma alternativa que infere a posse do térreo como livre passagem; 3) um edifício público deve permitir um fluxo livre, pois a sua implantação passa a ser considerada como um artefato público; 4) Com o avanço da tecnologia construtivo, o terraço-jardim passa a ser uma constante marcação de tratamento paisagístico com o objetivo centro de resgatar a natureza do terreno ao qual o edifício é implantando e ao mesmo tempo cria espaços de convívio e integração de ambientes; 5) Por fim a planta livre moderna permite uma flexibilização dos ambientes através da estrutura de grelhas ortogonais de larga amplitude, alterando assim os espaços internos de vivência e permitindo a completa permeabilidade de ambientes, uma vez adotada a planta livre, o interior dos ambientes passa a estar totalmente conectado e portando altera as vivências em relação as relações sociais no início do século passado.(LE CORBUSIER 2000; BRINO; BAHIMA 2009).

Tais decisões conceptivas refletem a mudança de status com relação a uma nova hierarquia social-arquitetônica, relacionada à soberania do espaço dentro de uma perspectiva filosófica. Para Ritter, o espaço tende a funcionar como uma forma central tridimensional de soberania exercida através da disciplina e da segurança, onde estas duas

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

bases da soberania biodisciplinar exercem formas distintas de poder, a disciplina sob o corpo social e a segurança sob o território dentro do espaço (RITTER 2017).



*Figura 19 – Palácio da Alvorada – Oscar Niemeyer  
Fonte: Archillect*

Podemos analisar da seguinte forma: A soberania passa a ser efetivamente exercida pelos arquitetos dentro de uma determinada morfologia urbana modificando a paisagem, entretanto, tal forma de poder difere essencialmente da soberania para um ato de

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

reorganização da sociedade, dentro dos estudos de Leitão e Lacerda (2016) pode-se retornar ao ano de 1485, onde Leon Battista Alberti, autor renascentista publica o tratado *De Reaedificatoria*, atribuindo a construção do teto da dimensão antropológica do ato de edificar, em outras palavras, criando as condições de organização de uma sociedade através do espaço construído e possibilitando a instituição da vida em sociedade como a conhecemos hoje.

Os estudos do espaço dentro da área da arquitetura podem ser vistos como a composição do chamado vazio, isto é, o espaço arquitetônico é definido como um vazio que se constituiu em consequência de uma ação humana compositiva e, portanto, desta forma passa a ser necessariamente projetual. Assim, considerando que a arquitetura é definida como uma ação humana criadora através de criação, ou ação projetual originária, distingue-se assim do espaço natural preexistente visto na área da geografia, pôde-se concluir que a espacialidade é composta pela sociedade, tempo, natureza, paisagem e finalmente, pela arquitetura.

A ação de planejar, arquitetar e definir a paisagem torna-se, portanto, uma expressão direta de uma ação criadora humana com o intuito de transformar diretamente a forma pela qual entendemos nosso ambiente ao qual estamos inseridos, ou seja, a ação projetual urbana é a manifestação em um ato da subjetivação territorial levando em consideração também uma forma de distinção epistemológica da espacialidade arquitetônica ligada ao espaço físico não-natural, mas sim o espaço criado (LEITÃO; LACERDA 2016).

Como podemos analisar, perante exemplo do planejamento urbano de Brasília, na metade do século passado, a hierarquização de formas torna-se o principal meio pelo qual o ato de projetar interfere nos moldes da sociedade, na produção de sujeitos e na estrutura política, social e cultural de um determinado ambiente. Os estudos de Ritter demonstram que o espaço medieval podia ser simplificado como um “conjunto de hierarquia de lugares” (RITTER 2018), ao passo que posteriormente, Foucault (1986) passa a aprofundar-se dentro das disfunções dos conceitos de utopia e heterotopia, distinguindo essas duas formas pela aplicabilidade real e física dentro de um determinado território e tempo.

Assim, as heterotopias podem ser também definidas como utopias que forma fisicamente executadas, assim sendo o Distrito Federal em conjunto com seu plano diretor pode efetivamente ser considerado como uma forma pura de heterotopia, tendo a aplicação efetiva de todos princípios de heterotopias apontados por Foucault, e lembrando que

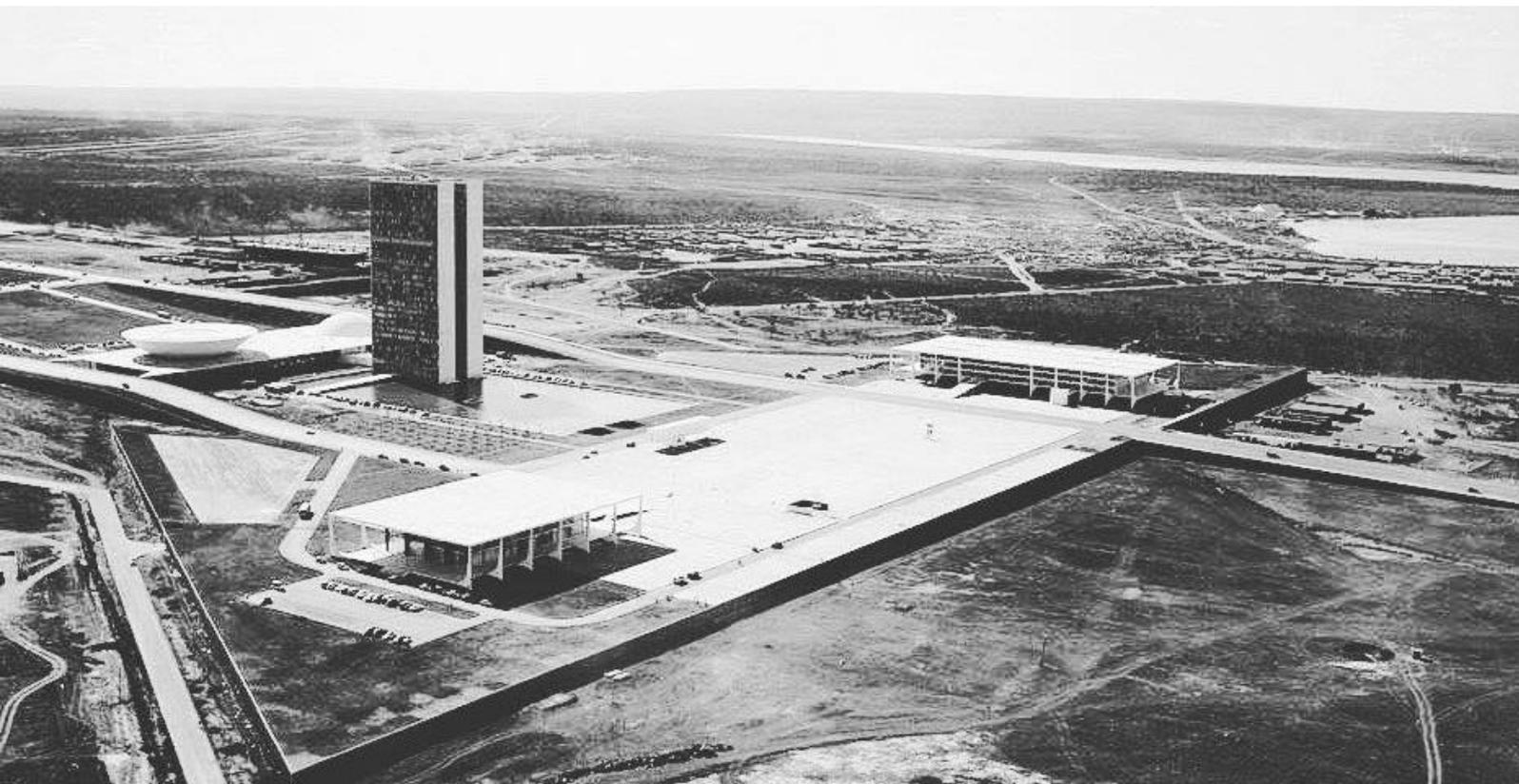
**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

essencialmente a proposta de sua concepção, era a de criar uma utopia aos moldes de uma cidade moderna dentro dos moldes que Lucio Costa e Niemeyer consideravam interessante para um nova uma nova perspectiva política inovadora da época (SOUZA 2015).

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*



*Figura 20 – Praça dos três poderes de Brasília  
Fonte: Google – Acervo histórico*

*“O espaço no qual vivemos, que nos leva para fora de nós mesmos, no qual a erosão das nossas vidas, do nosso tempo e da nossa história se processa num contínuo, o espaço que nos mói, é também, em si próprio, um espaço heterogêneo. Por outras palavras, não vivemos numa espécie de vácuo, no qual se colocam indivíduos e coisas, num vácuo que pode ser preenchido por vários tons de luz. Vivemos, sim, numa série de relações que delineiam sítios decididamente irredutíveis uns aos outros e que não se podem sobre impor.”*

*Michel Foucault (1986, Pag. 3)*

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

**CAPÍTULO IV**

**ARQUITETURA E EDUCAÇÃO**



*Figura 21 - Antigo Ministério da Educação e Saúde (MES) - Lucio Costa e equipe  
Fonte: Portal ArchDaily*

*“É preciso fazer uma distinção. É evidente que, em um dispositivo como um exército ou uma oficina, ou um outro tipo de instituição, a rede do poder possui uma forma piramidal. Existe, portanto, um ápice; mas, mesmo em um caso tão simples como este, este "ápice" não é a "fonte" ou o "princípio" de onde todo o poder derivaria como de um foco luminoso (esta é a imagem que a monarquia faz dela própria)”.*

*Michel Foucault (2014, p. 194)*

Dentro de um entendimento de como fluxos de poder funcionam a partir da governamentalidade, utilizando-me do planejamento urbano para gerar novas formas de governo, parto para uma análise mais detalhada de algumas obras modernistas dentro do contexto brasileiro, desde a primeira metade do século XX. Tal contexto de transformações emergentes se deve ao fato do surgimento da chamada Escola Carioca de Arquitetura, a partir da década de 1930, composta por um grupo de arquitetos eruditos da região do Rio de Janeiro. A Escola Carioca era composta pelos arquitetos Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leitão, Jorge Moreira, Ernani Vasconcelos entre outros, onde possuíam como principal mentor o arquiteto franco-suíço Le Corbusier.

É importante contextualizar a transformação da arquitetura no Brasil, durante tais períodos, para que seja possível fazer uma associação do tempo em meio ao espaço. Durante a primeira metade do século XX, o Rio de Janeiro tornou-se palco do avanço tecnológico na projeção de prédios de múltiplos andares no Brasil, tais concepções foram possíveis de serem executadas graças aos avanços técnicos da época no estudo do concreto armado. Assim, uma nova forma de projetar nasce herdando todos os cinco pontos da arquitetura moderna propostas por Le Corbusier (BRINO; BAHIMA 2009). Muitas destas inovações conceituais encontram-se descritas no livro “*Vers une architecture*”, ou “Por uma arquitetura”, na tradução literal para o português, sendo este o grande manifesto da nova arquitetura e do funcionalismo da era modernista proposta por Le Corbusier (2008) no ano de 1923.

#### 4.1 Conceitos da Arquitetura de Le Corbusier

Analisando os estudos de Baihma (2003), faço uma análise dos métodos de Le Corbusier com relação aos seus principais fundamentos projetuais já citados anteriormente, desta forma, o primeiro ponto de definição projetual apontado pelo arquiteto trata-se da elevação de uma edificação sobre pilotis, isto é, um sistema de construtivo formado por uma modulação de pilares que eleva a edificação, engaja-se obviamente ao se tratar de uma simples adaptação construtiva, quando elevado do solo este sistema permite a completa e livre circulação do ambiente térreo liberando a fachada por completo, tal ponto demonstra com perfeição a quebra de paradigma existente dentro de uma hierarquia de circulações e

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

limites territoriais presentes nos palacetes dos séculos anteriores se abstendo do sentido de posse individual e tencionando um sentido de coletividade, em outras palavras, quando eleva-se uma edificação a dita propriedade em que o artefato cultural se encontra é transformada em seu sentimento de pertencimento para abranger por completo todo o corpo social de determinado espaço, obviamente tal ponto passa a ser adaptado em diversas obras especialmente as deixada por Affonso Reidy não limitando-se apenas ao uso de pilotis mas a todo um sistema de sustentação evidente no marco das obras brutalistas seguindo um viés de transição do corpo econômico social.

Como segundo ponto, surge a concepção do chamado terraço-jardim. Com o avanço tecnológico das lajes em concreto a partir da década de 1920, tornou-se possível “transportar” o espaço que seria designado a edificação, elevando e situando os jardins para a parte superior das obras. Tal ideia demonstra a preocupação dos arquitetos modernos no reaproveitamento dos espaços e na permeabilidade das paisagens. Tanto os pilotis quanto o terraço-jardim podem ser aplicados ao último traço das heterotopias de Michel Foucault, no qual argumenta pode ser entendido que a morfologia tende a criar um espaço de sobra ligado a funções desdobráveis em conceber uma ideia ilusória de espaços reais, todas as ideias em que a vida é recriada (FOUCAULT 1986).

Como terceiro, temos a planta livre, na arquitetura moderna este conceito é aplicável através de sistema estrutural independente que permite livre locação das paredes, onde no projeto de construção as paredes não são utilizadas como estrutura ou pilares de sustentação, podendo, de forma totalmente independente, ser derrubada e construída em outros lugares sem prejuízo para a estrutura da construção.

O quarto princípio pode ser considerado um dos maiores divisores de epistemológicos dentro da ideia de paisagem, sendo nomeado de fachada livre, desenvolvido por Le Corbusier e Pierre Jeanneret, publicado no manifesto em 1926. Segundo o conceito, a fachada livre é a fachada com abertura máxima, geralmente utilizando-se de vidro, ou elementos vazados, como cobogós como fechamento ou até mesmo apenas vãos abertos da fachada. Tal sistema tornou-se possível quando as alvenarias de fachada passaram a não mais receber esforços estruturais, onde possuíam grandes espessuras e poucas aberturas. Tal concepção implica em uma transformação radical na forma como a hierarquia de formas de fachada passa a ser concebida, e, portanto, muda a percepção de poder e soberania pelo fator social dentro de uma

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

especialidade, ao passo em que antes as fenestraçãoes seriam projetadas visando uma demonstração de fluxo de poder vertical, agora teríamos como consequência de tal ponto, uma redistribuição igualitária da paisagem formada por tal artefato (BAIHMA 2003).

A fachada livre encontra-se diretamente ligada ao quinto e último ponto, a aplicação da janela em fita, assim, a demonstração sutil de uma nova ordem hierarquia nas fachadas passam a transmitir a ideia de equidade perante um governo biológico e conseqüentemente o espaço passou a ser utilizado como demarcação política da nova era no Brasil, onde a morfologia de prédios em altura quebra a hierarquia dos projetos propostos nos antigos palácios clássicos (BAIHMA 2003).



*Figura 22 – Escola Primária do Conjunto Pedregulho – Affonso Reidy  
Fonte: Marcel Gatherot 1951*

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

Para uma melhor didática, é importante que possamos apontar uma mudança dentro das principais morfologias urbanas contextualizadas no capítulo anterior, referente a hierarquia de formas das edificações. As edificações arquitetônicas possuem uma hierarquia implementada dentro do seu projeto, onde os locais detêm uma proporcional importância baseada em seu uso. Em um contexto histórico, ao final do século XIX e início do século XX, tais demarcações hierárquicas poderiam ser facilmente destacadas dentro do espaço. Um jogo de palacetes ligados a uma arquitetura eclética ou neoclassicista é intencionalmente moldado para que se construa uma paisagem que demonstra a hierarquia daqueles que usufruem de suas edificações, como uma forma de governo.

Correlacionando com os conceitos de biopolítica de Foucault (2008), o instrumento de poder exercido da magnitude das edificações em alturas é transformado em uma composição sutil que tensiona um processo horizontal de hierarquia. Neste mesmo sentido, os projetos de Niemeyer tendem a criar uma sensação de permeabilidade em relação a escala humana dentro dos principais projetos de Brasília, no Palácio da Alvorada inaugurado em 1958 temos a mais evidente e ao mesmo tempo sutil mudança para uma ideia de utopia das cidades modernistas, ao contrário dos antigos palácios, projetados para evidenciar a dominação, a soberania e a demarcação territorial. No Palácio da Alvorada, por exemplo, não enxergamos muros, nem ao menos uma sugestão de limitação de fronteira a um corpo social externo, muito pelo contrário, a edificação é quase que totalmente permeável, erguida do solo sob sua própria estrutura deixando a fachada totalmente livre em sua permeabilidade, tais decisões projetuais passam a concentrar uma ideia de algo que aqui podemos chamar de uma soberania franqueável.

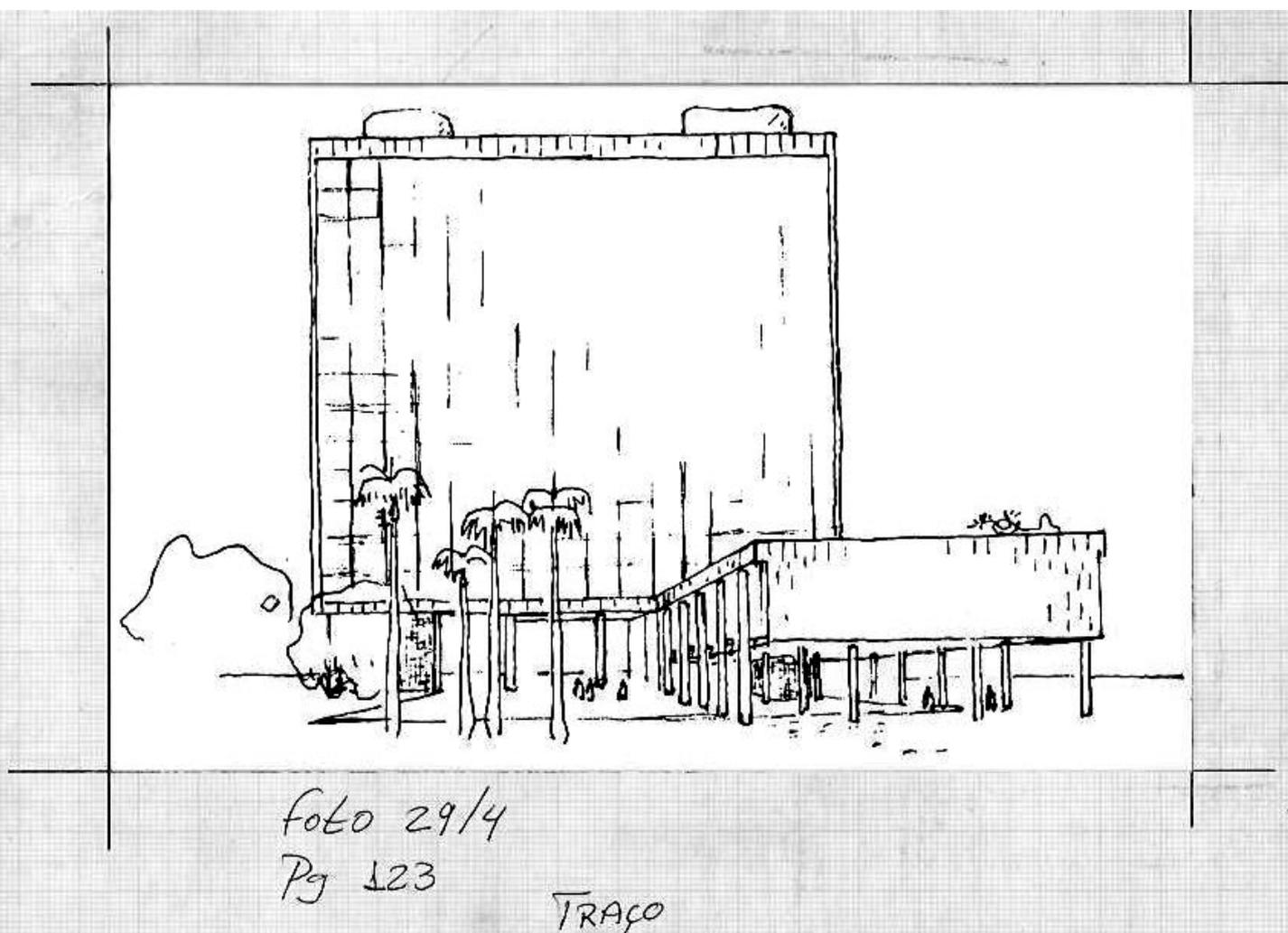
A biopolítica em seu aspecto inicial frequentemente esteve convencionada aos estudos de políticas públicas ligadas a forma de asilos, hospitais e prisões dentro do espaço como um território de responsabilidade e domínio do Estado (RITTER 2014). Isso se deve às principais preocupações do tempo em que o espaço se encontra, tal aspecto de preocupação de edificações ligadas a saúde coletiva está intrinsecamente motivado com as epidemias ou endemias ao passo que foi necessário criar novas ferramentas disciplinares utilizando-se do controle da arquitetura em sua época como afirma Ritter (2018) em seus estudos. Quando transferimos essas preocupações para a era contemporânea do modernismo, o foco no desenvolvimento da espacialidade passa a

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

refletir as principais preocupações de sua época, em sua maior parte com o Estado utilizando de estratégias de governamentalidade através da segurança e saúde.

Quando associamos os aspectos da biopolítica propostos por Foucault através de ações de funcionamento disciplinar, o que podemos entender quando Lúcio Costa e a Escola Carioca concebem suas obras é, novamente, uma forma de tensionar práticas de governo, através da efetiva construção de um determinado ponto espacial, assim como demonstrado no projeto do antigo Ministério da Educação e Saúde, com seus pilotis, janelas em fita, terraço-jardim, planta e fachada livre.



*Figura 23 - Croqui Original Ministério Educação e Saude (MES) -  
Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim – Acervo Lucio Costa*

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

Este passa a ser sutilmente traduzido como um novo panorama político da sociedade, onde todos os pavimentos são idênticos, ao passo que não se tem uma marcação morfológica explícita em fachada, o térreo é de livre acesso e livre transição. Tais características implicam em um prédio público, implantado em um terreno público, um artefato que escapa ao domínio da territorialidade ao não demonstrar quaisquer características hierárquicas de grande escala na sua composição da paisagem ou demonstração de poder soberano algum.

A implantação do edifício se encontra no meio da quadra, criando um conceito de praça pública que mimetiza o equipamento urbano e atravessa a formação do indivíduo em um panorama público, indo além de uma política praticista. Em outras palavras, o edifício do Ministério da Educação e Saúde eleva o domínio público e a correlação com o poder na sociedade para uma nova era da produção social.

Pode-se entender que a Escola Carioca de arquitetura partilhava interesses em comum sobre o viés político do Brasil, tais posicionamentos políticos resultaram em estratégias biopolíticas associadas aos projetos de inúmeras obras arquitetônicas, incluindo, na segunda metade do século XX, a atual capital brasileira, Brasília (SOUZA 2015). De certa forma, a maioria das grandes obras projetadas por Niemeyer são absolutamente influenciadas por uma lógica de requalificação de um sistema de soberania, isto é, o aspecto público/privado além da demarcação de hierarquia, passam a exemplificar um método de projeto que diz indiretamente, que as obras pertencem a um patrimônio público em uma relação de poder igualitária, algo que podemos chamar de: inversão da pirâmide de poder do espaço.

Estes parâmetros de nova identidade de paisagem, que nasceram no Brasil graças a influência de Le Corbusier e da Escola Carioca, produziram grandes obras que passaram a ter como um condicionante de projeto uma maior integração espacial, conforme demonstrado nas obras de Affonso Reidy, que explorou de diversas formas a plasticidade das obras utilizando novas tecnologias apoiadas no concreto armado (CONDURU 2005).

Reidy é responsável pelo aperfeiçoamento das técnicas envolvendo as discussões sobre o espaço, mesmo que indiretamente, com suas obras de corrente organicista e racionalista, sendo um dos responsáveis diretos pelo apelo ao movimento Brutalista posteriormente no Brasil dentro do que Conduru chamou de intervenções discursivas no conceito de espaço. Reidy possuía uma postura absolutamente magnífica em relação aos

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

ideais modernistas ao aliar forma e função na concepção de seus projetos, onde a arquitetura de Reidy é exemplificada nos projetos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (CONDURU 2005).



*Figura 24 - Praça da Torre de TV em Brasília - Lucio Costa e equipe  
Fonte: google.*

Dentro de uma perspectiva urbana, relacionada às mudanças da paisagem, enfatizo os pontos abordados por Lynch (1997) ao avaliar os efeitos da transformação urbana sob o aspecto de construção espacial. Lynch expõem que as imagens de um ambiente são o resultado do processo de observação e adaptação da luz que incide sobre objetos e, portanto, que gera uma organização do espaço em sua totalidade ao analisar a imagem em três principais formas como visto anteriormente através da composição do ambiente: identidade, significado e estrutura (LYNCH 1997). Tais ideias passam a ser os principais

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

componentes do qual a arquitetura modernista e conseqüentemente o brutalismo usufruiu para remontar uma nova perspectiva com relação aos ideais de poder na sociedade, como um paralelo a forma, função e beleza, é interessante expressar novamente até o presente momento, compreender que a arquitetura é não apenas um elemento da paisagem que atravessa sujeitos, mas sim uma estratégia biopolítica que opera na produção do espaço.



*Figura 25 – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - Affonso Eduardo Reidy  
Fonte: Portal ArchDaily Brasil*

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

Este entendimento que envolve a significância da paisagem, ainda se transformou nos últimos dois séculos, constituindo o que entendemos por espaço social. Assim, a relação de percepção da paisagem passa a abranger também a sensação de pertencimento do espaço, não somente como recorte visual de um determinado plano projetual arquitetônico, pois os sujeitos que encontram-se inseridos em um determinado ambiente o reconhecem como parte de seus próprios corpos, como uma extensão do próprio corpo social, é através destas relações de sociedade com a paisagem que podemos identificar a arquitetura como uma forma daquilo que Milton Santos denomina Corpo Geográfico.



*Figura 26 – Implantação Palácio da Alvorada - Oscar Niemeyer  
Fonte: Portal Governo do Brasil (Gov.br)*

## 4.2 O Objeto Geográfico e a Arquitetura

Um objeto ou corpo geográfico pode ser entendido como todo elemento que compõem a superfície do ambiente, tanto elementos naturais quanto objetos constructos desta forma aproximando-se diretamente da arqueologia (SANTOS 2006). Portanto, dentro do ideal geográfico, a aparição de objetos dos sistemas onde sua utilidade passa a ser aplicada ao tempo, a um contexto histórico, atual, passado, ou do futuro vem da sua utilização pelo corpo social, desta forma como afirma Milton Santos, a humanidade cria e herda das gerações anteriores os objetos geográficos que são concebidos ao longo da história, mesmo que sua função seja apenas em forma de simbologia ou de um uso expresso, podendo este último sofrer inúmeras alterações com o tempo.

A arquitetura de Reidy, Costa e Niemeyer contemplam essencialmente estas noções de objeto geográfico que frequentemente é utilizado como análise antropológica uma vez que tais artefatos são objetos destas relações da espacialidade, não apenas como ferramentas as quais a biopolítica exerce suas noções de poder, mas também imperam como parte fundamental de um único ambiente, composto de tempo, sociedade, natureza e objetos (SANTOS 2006).

Portanto a arquitetura modernista impera de forma objetiva como forma de educação de corpos, perante ao que podemos perceber - ao utilizar de elementos de indução e percepção - ao alterar o hábito (RITTER 2018) e a paisagem. Esta alteração de hábitos e percepções é facilmente apontada ao trazermos elementos dentro dos projetos analisados de forma mais aproximada, ao verificarmos a sutileza do projeto do Palácio da Alvorada inaugurado em 1958 tendo sido projetado por Oscar Niemeyer. Vejamos da seguinte forma: O corpo do palácio ignora inicialmente um princípio de módulo hierárquico como condiz aos referenciais de Le Corbusier (2000), isto é, a residência da autoridade máxima do poder executivo passa a estar isento de qualquer tipo de demarcação de poder vertical ou soberania para uma composição formal igualitária dentro de toda a modulação. Nenhum aposento, ambiente permite uma visão superior dos terrenos, pelo contrário, a visão externa é percebida como um corpo de vidro, frágil e facilmente alcançável, sem adornos e sem demarcações. Ao tomar tais decisões projetuais, Niemeyer não apenas cumpre as racionalizações dos conceitos de Le Corbusier, mas também remonta o fluxo de poder de

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

autoridade para um sistema de horizontalidade. Em contra partida a palácios de governantes que possuem grades e muros, aqui, no Alvorada, vemos a completa vulnerabilidade de soberania, Niemeyer assim passa a educar a população da seguinte forma: Nenhum poder de governo está acima da população ao protegido completamente do alcance público.

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*



*Figura 27 – Palácio da Alvorada – Oscar Niemeyer  
Fonte: Portal ArchDaily*

*“Se existe uma geografia da verdade, esta é a dos espaços onde reside, e não simplesmente a dos lugares onde nos colocamos para melhor observá-la. Sua cronologia é a das conjunções que lhe permitem se produzir como um acontecimento, e não a dos momentos que devem ser aproveitados para percebê-la, como por entre duas nuvens. Poderíamos encontrar na nossa história toda uma "tecnologia" desta verdade: levantamento de suas localizações, calendário de suas ocasiões, saber dos rituais no meio dos quais se produz.”*

*Michel Foucault, a Casa dos Loucos (2014, Pag. 103)*

CAPÍTULO V

A PRODUÇÃO DE SUJEITOS PELA COLETIVIDADE



Figura 28 – Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho) - Affonso Reidy  
Fonte: Portal ArchDaily Brasil

*“A imagem de um bom ambiente dá, a quem a possui, um sentido importante de segurança emocional. Pode estabelecer uma relação harmoniosa entre si e o mundo exterior. Isto é o inverso do medo que deriva da desorientação; significa que o doce sentido do lar é mais forte quando o lar é não só familiar, mas também distintivo”*

*Kevin Lynch (1997, Pag. 14 – 15)*

Ao atingirmos uma nova compreensão neste ponto, sob a ótica da influência exercida na modificação da paisagem de forma cultural atrelada ao tempo pelas técnicas projetuais adotadas pelos arquitetos modernistas no Brasil, aprofundo esta ótica em relação a alguns marcos expressivos das mudanças que foram aplicadas na questão do corpo social no século passado.

Na publicação da Revista Skyline, intitulada “*Space, Knowledge, and Power*”, Foucault estabelece algumas nuances a respeito da arquitetura e seu real propósito como ferramenta de controle social. Uma análise desta publicação foi desenvolvida na produção de Wermuth e Fornasier (2015), onde os autores demonstram que Foucault argumenta que a partir do século XVIII, a arquitetura começa a manifestar uma função de reflexão sobre aspectos do governo de sociedades, onde inicialmente a arquitetura oriunda da era medieval tinha como intuito, uma forma direta de demonstração de poder soberano, portanto com as mudanças sociais trazidas pelas inovações tecnológicas no século XVIII, a arquitetura passa a ser utilizada como uma técnica de disposição espacial para fins sociais, políticos e econômicos.

Assim, as formas de controle moderna através da arquitetura passam a ser exemplificadas na forma de três principais segmentos de conduta, sendo eles o modelo panóptico, o exílio da população leprosa e a vigilância da cidade pestilenta, estando estes três fatores ligados diretamente sob a questão do controle de corpos e massas. Em uma perspectiva urbana trazida dos novos desafios da vida após a primeira revolução industrial, os urbanistas começaram a manejar formas de vivência e moradia que comportassem não apenas um novo fluxo de gestão de massas, mas também novos parâmetros de entendimento como como o indivíduo passa a se comportar como parte de grupos em grande escala (WERMUTH e FORNASIER 2015).

### **5.1 O Governo das Habitações Sociais**

Através do documentário “Habitação Social – Projetos de um Brasil” com direção de André Manfrim (HABITAÇÃO, 2020), podemos avaliar as narrativas dos moradores de algumas das principais obras relacionadas e conjuntos habitacionais no país, e a transformação de sujeitos com o passar das gerações. Estas transformações dentro da

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

criação de habitações multifamiliares, possuíam diversos objetivos práticos no dia a dia do novo ideal de cidade eminente no Brasil como o fácil deslocamento de trabalhadores vindos do campo para iniciar uma nova vida de trabalho nas indústrias emergentes das grandes cidades.



*Figura 29 – Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho) - Affonso Reidy  
Fonte: Portal Vitruvius*

Este novo patamar projetual, visando uma integração social em grande escala, possibilita a utilização de equipamentos de uso público por uma determinada população em específico, tanto referente a questões urbanas quanto no uso de (WERMUTH; FORNASIER 2015). Assim, conforme pode ser visto no terceiro episódio do documentário referente ao Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (HABITAÇÃO 2020), é possível partir de uma análise sob uma das obras mais icônicas de Affonso Reidy, também chamado de Conjunto Pedregulho. Esta é comumente mencionada como uma das obras mais

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

importantes do início da arquitetura modernista influenciada por Le Corbusier, no Brasil. De autoria do Arquiteto Affonso Eduardo Reidy, o Conjunto Pedregulho possui em suas características uma gama de ideias direcionadas à produção de indivíduos do século XX, pois o projeto possuiu uma ligação direta no conceito de conjunto de habitação emergente no Brasil, no final da década de 1940, além da preocupação em encontrar um equilíbrio ideal entre o ambiente natural e o ambiente construído. O ponto de maior importância na concepção da paisagem é a correspondência entre a obra arquitetônica e o ambiente no qual encontra-se inserida (CONDURU 2005).



*Figura 30 – Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho) - Affonso Reidy  
Fonte: Documentário Habitação Social – Projetos de Um Brasil (2020)*

Tendo sido construído originalmente como uma morada para os servidores públicos da capital brasileira, à época a cidade do Rio de Janeiro, a edificação traz um o conceito de integração enraizado desde sua concepção em planta. Os corredores longilíneos são compartilhados por todos os moradores permitindo um fluxo de convívio horizontal, não à toa, esta simples decisão projetual não apenas induz, mas também obriga o convívio constante entre vizinhos, pois todos compartilham da mesma fachada da residência.

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

A ideia de integração horizontal pode ser transportada para uma visão da forma implementada nos conjuntos habitacionais modernistas, ao retornar para o Conjunto Pedregulho, destaco a permeabilidade da fachada em comunhão com o caminho de portas das moradias, onde este é também o fluxo principal das residências dos moradores, formando uma conexão dentro do corpo social também através de áreas sobre pilotis de convívio mútuo dentre os moradores.

Pode-se compreender, através da ótica arquitetônica e através das entrevistas no documentário “Habitação Social – Projetos de um Brasil”, que em sua totalidade o Conjunto Pedregulho não somente foi concebido para amplificar o uso de equipamentos urbanos em seu entorno, mas também intensificar uma coletividade oriunda das necessidades da época, influenciando toda uma cultura das próximas gerações criadas neste espaço, segundo relatos do documentário, durante as década de 1950 a 1970 os moradores do conjunto não possuíam sequer a noção de um real entendimento do que é uma habitação condominial, este sentimento passa a ser trazido após a concepção deste espaço através da implementação expressa de locais de utilização compartilhadas, o pedregulho possui em sua gama de ambientes uma lavanderia compartilhada (Incomum para a época), posto de saúde, mercado e uma escola de educação básica, unificando o convívio de crianças, jovens e adultos sob um mesmo fluxo de vivências.

A implementação de equipamentos urbanos que compõem um mesmo ambiente, como no caso do Pedregulho, foi concebida como uma maneira de entender que tais mecanismos são de responsabilidade e propriedade dos serviços públicos, assim, o coletivismo é enraizado no ambiente de vivência dos sujeitos. Vale lembrar aqui, que o Conjunto Habitacional Pedregulho é resultante de uma obra de serviços inteiramente bancada pelo Estado, uma vez que sua moradia era destinada a famílias de servidores públicos.

O edifício é o resultado de um processo de redemocratização no Brasil, durante o ano de 1946, quando é instituído no país o Departamento de Habitação Popular ao final do governo Vargas. Na ocasião, a Engenheira Civil Carmen Velasco Portinho assumiu o departamento de habitação e deu início a concepção da obra que seria projetado pelo seu então marido Affonso Eduardo Reidy, como visto em documentário (HABITAÇÃO 2020).

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*



*Figura 31 – Aldo Calvo, Affonso Reidy e Carmem Portinho – 15 de junho de 1954  
Fonte: Jornal Correio da Manhã.*

Um das características importantes herdadas da influência de Le Corbusier é a frequente implantação de pilotis tanto no conjunto Pedregulho como em diversas obras patrocinadas pelo governo brasileiro (BRINO E BAHIMA 2009), onde não obstante do padrão estético que impõe uma leveza sobre a obra, liberta o térreo de um domínio privado.

Tal concepção parte de um princípio de que habitado onde encontra-se inserido a obra não possui um domínio explícito portanto, a noção de pertencimento e limites territoriais é quebrada em sua totalidade para uma nova ideia de compartilhamento e conjunção social, não apenas através de pilotis podemos notar este sistema sendo utilizado posteriormente no projeto do Museu de Arte Moderna de São Paulo o MASP em 1968, de autoria da arquiteta Lina Bo Bardi, ao elevar a obra um fluxo público passa a ser não

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

somente liberado para passagem mas também para uma ideia racional de pertencimento do espaço. Ao implementar um prédio elevado e liberar sua circulação, Afonso Reidy demonstra sutilmente a quebra de paradigma de projetos públicos, como um arquiteto que trabalhou quase a vida inteira no serviço público, Reidy possuía a noção das necessidades de políticas públicas aliadas a um contexto de obras arquitetônicas, onde a arquitetura sempre pertenceu até então, a uma camada elitizada da população como afirmado por Niemeyer em inúmeras entrevistas, estando relatado especialmente no documentário “Oscar Niemeyer - A vida é um Sopro” de direção e roteiro de Fabio Maciel.



*Figura 32 – Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP) – Lina Bo Bardi  
Fonte: Google*

A principal perspicácia de Reidy em relação aos demais arquitetos modernistas, está na capacidade de aliar uma forma orgânica e mimética a um conceito de habitação social pública dentro de soluções estruturais inovadoras, onde estas aparecem eminentemente

na forma de pensar adotada como parte de um viés político da época também por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa além de outros demais arquitetos herdeiros dos pensamentos da Escola Carioca de Arquitetura. No entanto ao conceber o projeto do Pedregulho com um viés de integração dentre seus moradores, Reidy determina um novo paradigma dentro do modernismo que pode ser traduzido como uma forma de panóptico, ao criar elementos que amarram sujeitos em um único fluxo de moradia, também se determina um processo de vigilância e auto regulação comportamentais constante. Como podemos ver através dos estudos de Foucault, o sistema ótico de vigilância que passou a ser utilizado em larga escala a partir do século de XIX, fazendo-se uso de procedimentos de poder através na arquitetura, são muito mais numerosos em sua diversificação, além de serem igualmente ricos em composições arrojadas, esta evolução do processo panóptico diz respeito ao processo que Foucault denomina de “Sociedade Transparente” (FOUCAULT 2008), onde as zonas urbanas passam a ser perfeitamente visíveis em sua totalidade estando totalmente passíveis de serem reguladas através do poder.

## **5.2 A Coletividade das Habitações**

Dentro desta perspectiva de panóptico e sistema de vigilância, segundo Foucault estas novas técnicas de vigia exercem um poder através do sistema de transparência, ou como sugeriu, uma “dominação pela iluminação” (FOUCAULT 1978), onde a questão do poder passa a estar ligada com o processo econômico de inovação do espaço. Segundo Foucault, processos de poder não podem ser exercidos sem algum tipo de custo, sendo este físico, político ou monetário. Porém, é através da arquitetura moderna que estes meios de controle de violência ou ações, transcendem sutilmente a um custo quase nulo em relação aos antigos sistemas panópticos do século XIX, através do ideal projetual de integração e visual dos conjuntos habitacionais de Reidy, é a própria população que passa a vigorar um estado de vigia constante de comportamentos, dispensando totalmente armas, violência física ou qualquer tipo de coerção para determinar uma docilização do sujeito. Ao passo que Nikolas Rose determina tais mudanças comportamentais envolvendo uma ação direta do Estado como projeto de cidadanias originados no século XX (ROSE 2013), é de conhecimento prático que as ações projetuais de Reidy buscavam soluções econômicas

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

viáveis em relação a manutenção de suas obras a longo prazo, uma característica pontual para profissionais técnicos do serviço público.

Tal preocupação do ponto de vista político para com a economia pode ser entendida como um dos fatores da popularização do estilo Brutalista no Brasil iniciado por Reidy ao conceber o projeto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1952. O brutalismo exerce uma força constante em demonstrar a pureza de materiais e exacerbar a viabilidade econômica e estrutural de obras arquitetônicas, como veremos em seguida, o brutalismo exerce uma dimensão política própria em referência a aplicação da materialidade (MBEMBE 2020).

Os principais aspectos das obras de Reidy, a priori podem ser catalogados em duas funções, a primeira, a racionalidade material e a rigidez em preocupação do aspecto social e político, não atoa, o início do espectro do movimento brutalista começa em suas obras. O segundo aspecto é composto por uma noção excessiva de coletividade como dito anteriormente, desta perspectiva, os muitos projetos de foco coletivo de Reidy, tal qual o brutalismo do MASP de Lina Bo Bardi partilha de uma permeabilidade que tensiona o fluxo social constante perante a paisagem. Em outras palavras, a arquitetura demonstrada nestes projetos educa e produz sujeitos com determinada influência oriundos do coletivo, seja em convívio, seja colando suas residências lado a lado em um princípio panóptico e partilhando fluxos de caminhos ou criando espaços de convívio público sob seus pórticos.

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*



*Figura 33 – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - Affonso Eduardo Reidy  
Fonte: Portal ArchDaily Brasil*

*“O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças aos seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber estabelece-se sobre todos os avanços do poder e descobre objetos de conhecimento em todas as superfícies onde este se exerce.”*

*Michel Foucault (2008, pag. 158)*

## CAPÍTULO VI

### BRUTALISMO



*Figura 34 – Ginásio do Clube Paulistano – Paulo Mendes da Rocha  
Fonte: Portal ArchDaily Brasil*

*“Arquitetura e política são, portanto, questões de disposição em termos de materiais e corpos, questões de quantidades, volumes, extensões e medidas, distribuição e modulação de força e energia. A elevação vertical em posição privilegiada é um dos traços concretos do brutalismo, que se exerce sobre o corpo ou sobre os materiais.”*

*Achille Mbembe (2020, Pag. 10) - Tradução Livre*

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos

Diante da ideia de que a Arquitetura passa a ser uma forma de arte que rege condutas através de elementos de projeto, como apresentei no capítulo anterior, é importante abordar os estudos arquitetônicos como ferramentas educacionais.

Um dos primeiros exemplos da abordagem do Brutalismo Europeu possível de ser identificado, encontra-se exemplificado na obra de Bryan Reyner (1966) intitulado *The New Brutalism: Ethic or Aesthetic?* utilizado por Mbembe (2020) ao fundamentar sua abordagem a respeito do tema. Banham afirma que o termo Brutalismo passou a ser concebido primariamente pelo arquiteto Hans Asplun em meados de 1950 em cartas publicadas pela *Architectural Review* em 1956. Entretanto, antes de adentrarmos no brutalismo de Mbembe de forma completa, é interessante que falemos da origem deste estilo como parte do movimento modernista, assim, o brutalismo passou a se originar com base nas obras que consideravam um ponto chave um ideal econômico em relação a seus conceitos como afirmado por Reyner, em especial, o autor afirma que tal linha era de especial interesse para os arquitetos comprometidos com uma linha comunista pós Segunda Guerra mundial no final da década de 1940 tendo como base as propostas Socialistas-Realistas na União Sovi (REYNER 1966).

Assim, o termo brutalismo surgiu como um derivado de “béton brut” que em tradução livre do francês, significa “Concreto bruto”, onde a denominação é comumente apontada em uma de suas primeiras aparições pelas mãos de Le Corbusier chamada “Unités d’Habitation”, o brutalismo e o modernismo compartilham de praticamente todos os fundamentos base de geometria, tecnologia, estética e ética fundamentada na razão social, para a real aparição deste encontra-se na racionalização material, e simplificação dos processos construtivos (ANTONIO et al. 2017).

Desta forma, como uma vertente do Modernismo, o brutalismo nasce igualmente na região europeia, mais precisamente pelas mãos dos arquitetos ingleses Alison e Peter Smithson durante a década de 1950 segundo Antonio et al. (2017). Como todas as formas arquitetônicas de sua época, o Brutalismo é essencialmente um reflexo do tempo ao qual se encontra inserido, um resultante comum para os anseios da sociedade da metade do século XX, assim, a sociedade passa a interferir na paisagem efetivamente pela concepção de seus estilos.

## 6.1 O Brutalismo e o Espaço

Dado a conceituação histórica do surgimento do brutalismo na arquitetura, ao analisarmos a obra de Mbembe (2020), passamos a entender tal movimento de transformação espacial, o espaço que contém todas as formas naturais e não naturais além do tempo e das relações humanas como citado por Milton Santos, como aquilo que o autor chama de “processo de despejo e evacuação”, se por um lado o modernismo brasileiro buscava articular um conjunto de entidades sociais unificando camadas da população, o brutalismo apontado por Mbembe trabalha para acelerar um estado de exceção, desta forma, é importante salientar que assim como o modernismo brasileiro surge como uma influência do modernismo Europeu e passa a constituir relações sociais pelas mãos da Escola Carioca de Arquitetura, o brutalismo Europeu difere relativamente do movimento que nasceu no Brasil posteriormente.

Achille Mbembe desenvolve um entendimento de que o brutalismo funciona como uma forma de poder e governo capaz de endurecer manifestações e condutas dentro de determinadas camadas da população, em especial, as populações oriundas das migrações europeias visadas por um estado de exceção, em seu desenvolvimento da obra *Brutalisme* (2020), Mbembe ressignifica o conceito da palavra para algo que formata a vida, criando uma correlação entre o método construtivo pré-fabricado e aquilo que poderíamos chamar de um sistema social pré-moldado, tais aproximações só encontram-se plausíveis de entendimento se for considerado a política de concepção brutalista na Europa da metade do século passado com o foco na reconstrução e política de pós-guerra e preocupação com os sistemas migratórios de meados de 1950.

Partindo para exemplificação do princípio de governo e biopolítica, nesta perspectiva as obras brutalistas se destinadas a uma parcela da população como forma de contrapor desdobramentos dentro de um determinado governo se opõem ao que Mbembe remonta como sendo o tempo dentro da política do espaço, como uma forma de resistência a demolições, quebras ou pilhagens, que partem de um conjunto de demolição de seres como prática de poder

## 6.2 O Brutalismo Brasileiro

Os primeiros exemplares de brutalismo no Brasil tiveram início ainda sob as asas do modernismo, quando Reidy concebe o projeto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1948, este obedece a muitas das principais características que ditam o que viria a se tornar um brutalismo posteriormente. As principais características mais eminentes dentro de tais edificações quando observamos como componente de paisagem, giram em torno da pureza de materiais utilizados em sua concepção, o concreto aparente desprovido de acabamentos ou adornos e sua estrutura como parte fundamental dos elementos sejam hierarquias de passagem ou delimitações de fluxos em geral, quando paramos para observar o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, podemos perceber diversas características inovadoras durante a época em que foi inaugurado.



*Figura 35 – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - Affonso Eduardo Reidy*

*Fonte: Portal ArchDaily Brasil*

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos

A edificação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro é estruturada em concreto armado aparente formando quatorze pórticos que simultaneamente elevam a estrutura da faixa permitindo livre trânsito de pedestres, assim, o formato dos pórticos cria um pêndulo que suspende a laje da cobertura ao mesmo tempo que tensiona a laje inferior dispensando por completo a utilização de pilares centrais e permitindo uma permeabilidade do ambiente quase que totalmente independente de fechamentos. O resultante de tal composição eleva os pontos deixados por Le Corbusier a um patamar arquitetônico, estrutural e econômico jamais visto em projetos localizados em solo brasileiro até então, é possível enxergar as marcas de desforma dos pórticos deixadas de forma bastante aparente, o que Reidy considerava uma solução para a não manutenção de fachadas de prédios públicos, desta forma não seria impreciso afirmar que o projeto do Museu de Arte Moderna é o começo do total alinhamento do modernismo para com o brutalismo que viria a se suceder através da escola Paulista de Arquitetura.

Estas novas formas de tecnologia que transformam a espacialidade no sentido da relação sociedade-espço originaram-se especificamente do movimento modernista, por isso inicialmente é importante demarcarmos aqui o que venha a ser este movimento, através do texto de Fernando Freitas Fuão, intitulado *“Brutalismo, a última trincheira do mundo moderno”*, onde podemos entender que o modernismo sofreu uma transformação conceitual no passar do século XX. Inicialmente o movimento modernista nasceu como uma ação ética ante a vida humana, e por este sentido entendemos como um conjunto de ideias disposta a intervir na sociedade formulando novas estratégias projetuais de hábitos sociais, e na mudança do paradigma da condição de propriedade privada em prol de uma coletividade, como foi demonstrado no capítulo anterior através de uma análise do Conjunto Pedregulho. Como foi demonstrado por Souza (2015), o movimento modernista de arquitetura encabeçado por Niemeyer e Lúcio Costa estava diretamente associado a uma forma de luta com uma aplicação política social na primeira metade do século XX, isso se deve muito ao fato do crescente desenvolvimento das áreas das ciências humanas e estudos sociais como na geografia e antropologia como já conferimos através da evolução da própria geografia em uma ciência de análise sociológica de Leitão e Lacerda (2016).

Dito isto, a arquitetura passou também por um processo de transformação ligado a uma preocupação social além do viés de governo e poder abordado frequentemente por Foucault, pois as novas propostas iniciadas pelos estudos de Le Corbusier (2020) sofreram

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

com críticas ligadas a perda de identidade cultural. Recapitulando assim, o modernismo nasce primeiramente no continente Europeu como parte de uma resposta para problemas de mudança culturais e econômicos resultantes da primeira revolução industrial, e desta forma, quando transportado seus conceitos para os demais continentes em uma localização histórica de algumas décadas, tais mudanças sociais já não se encontram de forma eminente. Por este viés, o modernismo tende a surgir no Brasil, sem uma real necessidade imediata de mudanças em referência a uma adaptação cultural, mas sim como uma nova forma de planejamento a ser inserida de forma não orgânica da sociedade. Tal mudança de perspectiva em relação a aplicação desse movimento, aliada a uma demanda política por parte dos arquitetos da época resultou em uma nova relação do modernismo para com o planejamento social no Brasil, o modernismo brasileiro recebe características inovadoras de pensamento coletivo dificilmente encontrado em outras localizações ao redor do mundo.

Vejamos da seguinte forma, ao passo que o brutalismo insere uma nova forma de projeto com princípios técnicos de estrutura e fachada duradouras, ele também passa a se comportar como instrumento de engessamento político da população, não apenas pelo cerne da durabilidade e conservação da ferramenta cultural que o próprio artefato arquitetônico representa, mas também como um sentido inerente à própria época que se encontra. O brutalismo nasce como um contraponto ao fim da Segunda Guerra durante a metade do século XX, com a reconstrução urbana de diversos distritos de grandes cidades além dos efeitos migratórios em larga escala, servindo de ferramenta de demarcação de um poder sólido projetado em sua própria materialidade, a densificação e a solidez como um novo rococó do modernismo que transpõem a imagem resistente e maciça de novas formas de pensar da época além do ideal econômico intrincado em sua concepção.

No contexto brasileiro, o brutalismo foi amplamente explorado por arquitetos como Lina Bo Bardi e Paulo Mendes da Rocha, em projetos como o Museu de Artes de São Paulo concebido em 1968 onde o terreno em que se encontra foi doado com a condição de estar para sempre atrelado à vista da cidade, Bo Bardi então concebe uma obra que atrela a identidade brutalista com a rigidez visceral da estrutura ao passo que impõem uma circulação na parte térrea, assim, o MASP passa a ser entendido como uma obra que funciona em uma relação do que podemos chamar de mimetismo social, não é possível imaginar a paisagem do museu sem a presença do usuário constante em seu térreo livre, este ato de redemocratização dos espaços é fundamentalmente uma característica da

arquitetura brasileira, e assim como o MASP também se encontram presentes todas estas características no projeto Ginásio do Clube Paulistano projetado por Paulo Mendes da Rocha inaugurado em 1966, e também no Museu Brasileiro de Escultura (MuBE), onde as abordagens de conceituação seguem proeminentemente a quebra de um sistema rígido de acesso para um fluxo público como abordado nos sistemas de pilotis de Le Corbusier.

### **6.3 O Brutalismo e a Educação**

O brutalismo no Brasil trabalhado por Paulo Mendes da Rocha nos ensina que a composição dura, a forma enrijecida, a racionalização dos materiais, não estão associadas única e exclusivamente ao engessamento das vidas migratórias do brutalismo Europeu de Mbembe (2020), mas também é utilizado como forma de conexão entre o corpo social, a natureza, o urbanismo e o tempo, ou seja, o brutalismo sendo uma expressão que por sua composição técnica melhor atravessa as temporalidades sem grandes mudanças na paisagem, funcionam como uma escultura habitacional, são um elo de conectividade constante de passado e presente estando mimetizados habilmente no ambiente urbano, e portanto funcionam como locais de resistência. É através do brutalismo de Paulo Mendes da Rocha que o arquiteto nos ensina sobre a rigidez das transposições temporais do ambiente de morfologia urbana usufruindo de sua infraestrutura pública.

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*



*Figura 36 – Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE) – Paulo Mendes da Rocha  
Fonte: Portal ArchDaily*

*“Toda criação de objetos responde a condições  
sociais e técnicas presentes num dado momento  
histórico. Sua reprodução também obedece a  
condições sociais...”*

*Milton Santos (2006, Pag. 43)*

## EPÍLOGO



Figura 37 – Brasília, Congresso Nacional em 1959

Fonte: Thomaz Farkas

*“Os elementos por excelência da linguagem arquitetônica são os “componentes-fim”, os espaços – cômodos no edifício; ruas, avenidas, praças, parques, na cidade; lugares abertos na paisagem natural. Afinal, é neles que estamos imersos! Caracterizam-se por localização relativa ante outros espaços a implicar certas topologias, permeabilidade ou fechamento, transparência ou opacidade, valores de luz e sombra, ruídos, temperatura, movimentos do ar, aromas. “Meios” ou “fins”, não podemos ignorar que somos afetados por uns e outros ao nos apropriarmos dos lugares. Há que teorizar, portanto, sobre “configuração formal-espacial” – ordenação conjunta dos dois tipos de componentes, todavia separáveis analiticamente.”*

*Frederico de Holanda (2007, pag. 117)*

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

A percepção socioespacial dentro da paisagem através das relações de poder essencialmente representa métodos de governamentalidade do mundo moderno, desta forma quando pensamos na implementação projetos arquitetônicos como habitações sociais ou edificações públicas no geral, é importante ter em mente a ligação histórica do tempo e espaço atrelados a ideia de lugar, e, portanto, também oriunda do poder do hábito de Ritter (2018) como comentado anteriormente. Pelos conceitos da ciência geográfica, o lugar a priori, pode ser entendido como o espaço de gerenciamento de valores estruturados na forma de percepção e concepção da paisagem (STANISKI; KUNDLATSCH; PIREWOSKI 2015), onde o desenvolvimento histórica em diferentes escalas funciona como um elo de conexões entre indivíduo e a sua dita realidade, tornando-se evidente assim, que o lugar também passa a estar associado às mais diversas características culturais das histórias herdadas dentro de um território. O lugar, é sobre tudo então, o meio pelo qual se constitui a paisagem, onde existe a percepção de um nível do espaço geográfico e onde se formam as diretrizes de condutas de sistemas e valores sociais e biopolítica como conjunto de estratégias de governo de sujeitos.

Alguns conjuntos de estratégias inseridos em projetos arquitetônicos podem ser observados como por exemplo, a consciência da tecnologia e a universalidade das formas, tais características possuem ligação direta com os efeitos econômicos ao desenvolvimento das cidades, e não apenas conceitual. Foram instituídos assim, os princípios de Forma e Função arquitetônicos, onde este passa a ser um dos ápices da transgressão estética proposta pela arte moderna, conforme descrito por Brino e Bahima (2009), e que busca a ênfase dos aspectos estruturais, formais e compositivos de seus artefatos culturais. Como já foi comentado anteriormente, tais aspectos formais podem ser tomados como ferramentas biopolíticas, por meio do ambiente, produzindo transformações espaciais, e de maneira intencional através da paisagem da habitação e racionalização governamental.

Os ambientes, assim como os lugares nos quais os sujeitos se encontram inseridos influenciam comportamentos e modos de ser. Esta influência, por sua vez, funciona enquanto balizador que produz o espaço, isto é, acima de tudo, o espaço é resultado de aspectos culturais e discursivos que atravessam e efetivamente produzem os sujeitos, não obstante como já apontado, o sujeito é o meio pelo qual o próprio espaço também é produzido, é através dessa relação mútua de gerenciamento através do tempo utilizando a técnica, que passamos a definir as paisagens e território limitante das nossas condutas.

## ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

Desta forma, o espaço educou e produziu sujeitos por meio das paisagens modernistas e brutalistas através da influência projetual dos arquitetos da época, através das decisões conceituais, da inserção de elementos, da quebra de hierarquias que ocorre a mudança dentro do aspecto do corpo da sociedade. A paisagem como meio de influência funciona como uma ferramenta que possibilita a produção de sujeitos de acordo com seus elementos: A permeabilidade, a ordenação de fluxos de caminhos são fatores mutam ativamente os hábitos, as formas de pensar, as estruturas sociais. O modernismo Brasileiro quebra uma corrente de influências oriundas de um Brasil Império e passa a vigorar e produzir uma sociedade de convivências e foco na identidade pública, desta forma também desmantelando a rigidez de soberania, ela também enrijece outros aspectos do coletivismo recriando formas de panoptismo.

É através destas mudanças de forma e função das paisagens em decorrência do tempo que ocorrem as mudanças de assujeitamentos ao longo das décadas, assim, a relação Arquitetura e Educação esta intrinsecamente conectada desde a concepção dos primeiros moldes de influências através do espaço social, da paisagem e dos olhares. Diferente de uma docilização de corpos trazida por ambientes como escolas, clinicas e prisões, estas perspectivas a nível urbano e de complexos públicos trabalham de forma sutil dentro da produção de sujeito, educando ao longo de décadas e atravessando gerações de forma sutil. Somos formados por conglomerados de influências dos ambientes no qual crescemos por toda a vida, é através da percepção da paisagem que nossos modos de ser se constituem meio ao espaço, onde uma simples mudança de perspectiva formal dos ambientes pode configurar uma percepção hierárquica totalmente inversa a de gerações anteriores onde o legado da arquitetura modernista e brutalista pode ser verificada através da quebra das morfologias de um Brasil Império herdada ao final do século XIX, para uma percepção de governo baseada em uma morfologia horizontal.

# ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*



*Figura 38 – Brasília, Congresso Nacional em 1959*

*Fonte: Thomaz Farkas*

*“Ciências humanas são ciências sobre práticas humanas. Como sintética e elegantemente formulou Nunes, a filosofia estuda relações entre seres humanos e ideias; a economia, relações entre seres humanos e coisas; a sociologia, relações dos seres humanos entre si. Parafraseando Nunes, sugiro: a criação ou usufruto de lugares são práticas humanas e a disciplina da arquitetura como ciência humana estuda relações entre os lugares e as pessoas, do ponto de vista dos aspectos funcionais, bio-climáticos, econômicos, sociológicos, topoceptivos afetivos, simbólicos e estéticos. As pessoas fazem-se humanas pelos modos de produção de bens materiais, pela língua que falam, pelos sistemas simbólicos que inventam, pelas maneiras de criar ou usufruir lugares. Mas o conjunto dessas “maneiras” é um campo ainda vasto.”*

*Frederico de Holanda (2007. Pag. 124)*

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

**ANEXO – LISTA DE OBRAS ARQUITETÔNICAS**

Como objetos de análise, referenciais executados, aqui início uma breve lista catalogadas das obras citadas no decorrer da dissertação:

*Ministério da Educação e Saúde (MÊS)*

*Autores: Lúcio Costa e Equipe*

*Paisagismo: Burle Marx*

*Ano da construção: 1936*



*Museu de Arte de São Paulo*

*Autora: Lina Bo Bardi*

*Ano da Construção: 1968*



**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

*Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*

*Autor: Affonso Eduardo Reidy*

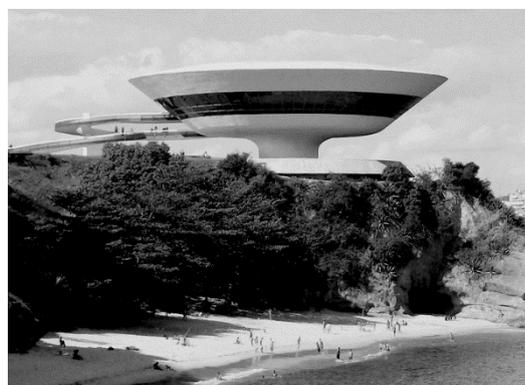
*Ano de Construção: 1948*



*Museu de Arte Contemporânea de Niterói*

*Autor: Oscar Niemeyer*

*Ano de Construção: 1996*



*Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes  
(Pedregulho)*

*Autor: Affonso Eduardo Reidy*

*Ano da Construção: 1947*



ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

*Palácio do Planalto*

*Autor: Oscar Niemeyer*

*Ano da Construção: 1958*

*Inauguração: 21 de abril de 1960*



*Palácio da Alvorada*

*Autor: Oscar Niemeyer*

*Ano da Construção: 1957*



*Cidade de Brasília*

*Autores: Lucio Costa, Oscar Niemeyer*

*Fundação: 21 de abril 1960*



*Ginásio do Clube Atlético Paulistano*

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

*Autores: Paulo Mendes da Rocha e João De Gennaro*

*Ano de Construção: 1961*

*Museu Brasileiro de Escultura e da Economia MuBE*

*Autor: Paulo Mendes da Rocha*

*Ano da Construção: 1987*



**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

LUCCAS. Luís Henrique Hass. A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre (1). 2006

Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.073/346>

---

CAIXETA. Eline Maria Moura Pereira. Uma Arquitetura para a Cidade. A obra de Affonso Eduardo Reidy. 2015

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/776776/uma-arquitetura-para-a-cidade-aobra-de-affonso-eduardo-reidy>

---

SANTOS. Cecília Rodrigues de Roberto Segre. Revisitando a sede do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro. O último livro de Roberto Segre 2014.

Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/13.147/4942>

---

IRAZÁBAL Claro. Da Carta de Atenas à Carta do Novo Urbanismo Qual seu significado para a América Latina? (1). 2001.

Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.019/821>

---

FUÃO, Fernando Freitas. Brutalismo, A última trincheira do movimento moderno. 2000.

Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.007/949>

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

**REFERÊNCIAS**

\*Catálogo em Ordem Alfabética

ALEIKSEIVZ Renato Alves. ESPAÇO E PODER NA REFLEXÃO DE FOUCAULT: DOS DISPOSITIVOS À GOVERNAMENTALIDADE. Dissertação de Mestrado em Filosofia, UFPR. Curitiba, 2016.

---

ANTONIO, Augusto. ARMILIATO, Bruno Carlo Padovani. CARLI, Leonardo Trentin de. GUARESCHI, Gustavo Luiz. ANJOS, Marcelo França dos. BRUTALISMO: CONCEITOS E ANÁLISES DA ESCOLA PAULISTA DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA. Anais do 15º Encontro Científico Cultural Interinstitucional e 1º Encontro Internacional. Centro Universitário FAG, 2017.

---

BAHIMA, Carlos Fernando - Edifício moderno brasileiro: a urbanização dos cinco pontos de Le Corbusier 1936-57. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

---

BARBOSA, Luciane. Um parque, três projetos. UFRGS. Porto Alegre: agosto de 2016.

---

BERNARDES, A. Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções. Revista Formação (ONLINE), v. 27, n. 50, jan./abr., 2020, p. 275-299. 2020.

---

BRINO, Alex Carvalho; BAHIMA, Carlos Fernando. Edifício Moderno Brasileiro na Cidade Pré-Moderna: Paradoxos entre Paradigmas. In: DOCOMOMO Brasil, 2009, Rio de Janeiro. Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Artes, 2009. p. 49-49.

---

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

CASTRO, Iná Elias De. GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato, Geografia: Conceitos e Temas. 2º Ed. Rio de Janeiro, Brasil, 2000.

---

CATALÃO, I. Brasília, metropolização e espaço vivido: práticas especiais e vida cotidiana na periferia goiana da metrópole [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, p.156. 2010.

---

CONDURU, R. L. T.. Razão em forma. Affonso Eduardo Reidy e o espaço arquitetônico moderno. RISCO (SÃO CARLOS), São Carlos, v. 2, p. 24-37, 2005.

---

COSTA, Lúcio - Brasília Revisitada, escrita no ano 1985, publicada em edição especial Revista IPHAN, 1990.

---

COSTA, Marisa Vorraber. Cultura e pedagogia - lições da espacialidade revolucionária de Frank Gehry. Educação e Realidade, v. 39, p. 163-180, 2014.

---

DARSIE, Camilo; HILLESHEIM, Betina; Weber, Douglas Luís. O discurso de controle de doenças da Organização Mundial da Saúde e a produção de espacialidades nacionais. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. v. 25, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.200587>>.

---

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

DARSIE, Camilo; WEBER, D. L. Entre acolhimentos e estranhamentos: notas sobre migrantes e espacialidades. In: Adriana da Silva Thoma, Betina Hillesheim, Carolina de

---

DINIZ, Mariana Pizzo. OLDONI, Sirlei Maria. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS: MORFOLOGIA URBANA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DAS CIDADES. 5º Simpósio de Sustentabilidade e Contemporaneidade nas Ciências Sociais. COOPEX, julho de 2017.

---

FOUCAULT, Michel. De Outros Espaços. Traduzido a partir do inglês (com base no texto publicado em *Diacritics*; 16-1, Primavera de 1986) por Pedro Moura. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967.

---

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 8. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

---

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Biopolítica*, Curso dado no Collège de France (1978 – 1979). Tradução e Revisão por Eduardo Brandão e Claudia Berliner. Martins Fontes São Paulo 2008.

---

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 39. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

---

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

FREITAS Corrêa Siqueira. (Org.). Inclusão, diferença e políticas públicas. 1ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2019, v. 01, p. 178-188.

---

HABITAÇÃO Social – Projetos de um Brasil. Ep 3 – Conjunto Pedregulho. Direção Geral: André Manfrim; Produção: Pique-Bandeira Filmes; Coprodução: A flor e a Náusea. 2020

---

HOLANDA, F. R. B. Arquitetura sociológica. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR), v. 9, p. 115-129, 2007.

---

LE CORBUSIER. Planejamento Urbano (*Manière de penser L'urbanisme*). Coleção Debates Dirigida por J. Guinsburg, Tradução Lúcio Gomes Machado, Editora Perspectiva 3 Ed, São Paulo - SP. 2000

---

LE CORBUSIER. Vars une Architecture. Flammarion. ChampsArts. Paris, France, 2008.

---

LEITÃO, Lucia; LACERDA, Norma. O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas. CADERNOS METRÓPOLE, v. 18, p. 803-822, 2016.

---

LOPES, J. G. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica. Geografia. Ensino & Pesquisa (UFSM), v. 16, p. 19-26, 2012.

---

LUCCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do “gênio artístico nacional”. Porto Alegre: PROPAR. 2010

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

---

LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

---

MASSEY Doreen. Pelo Espaço, Uma Nova Política da Espacialidade. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2008.

---

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. Revista Rae'Ga, Curitiba, 2004.

---

MBEMBE, Achille. Brutalisme. Editora La Découverte. Paris, França. Ebook. 2020.

---

MACIEL, A. B. C.; LIMA, Z. M. C. O CONCEITO DE PAISAGEM: DIVERSIDADE DE OLHARES. Sociedade e Território (Natal), v. 23, p. 159-177, 2011.

---

OLIVEIRA, Lorena Silva. O conceito de governamentalidade em Michel Foucault. Universidade Federal do Rio de Janeiro - PPGF/IFCS. 2019.

---

PANERAI, P. et al. Formas Urbanas: da Manzana ao Bloque. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

---

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

REYNER Branham. The New Brutalism. Architectural Press, Londres, 1966.

---

RITTER, V. F. O Espaço e a Biopolítica. Poliética. Revista de Ética e Filosofia Política, v. 2, p. 88-111, 2014.

---

RITTER, V. F. Da verdade dos espaços ao espaço da verdade. A genealogia dos espaços e seus modos de subjetivação em Michel Foucault. Início: 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

---

RITTER Vivian Fetzner. Da Verdade dos espaços aos Espaços da Verdade, uma Genealogia em Michael Foucault. Appris Editora. 1º edição. 2018

---

ROSE, Nikolas. A Política da Própria Vida: Biomedicina, Poder e Subjetividade no Século XXI. Tradução: Paulo Ferreira Neto. Ed. Paulus, São Paulo, 2013.

---

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo. Razão e Emoção. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil). EDUSP, 2006.

---

SANTOS Milton. Pensando o Espaço do Homem. 3º Ed. Edusp. São Paulo, 2007.

---

ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

SERPA, Angelo. MILTON SANTOS E A PAISAGEM: PARÂMETROS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CRÍTICA DA PAISAGEM CONTEMPORÂNEA. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 27 - São Paulo - p. 131 - 138 – 2010

---

SILVA, Marcia Alves Soares.; GIL FILHO, S. F. Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais. Geograficidade, v. 10, p. 153, 2020.

---

SILVA, Marcia Alves Soares.; GIL FILHO, S. F. Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais. Geograficidade, v. 10, p. 153, 2020.

---

SOUZA, Diego Inglez de. Anotações sobre as origens de uma Brasília Vermelha ao Sul de Paris, em Vitry-sur-Seine (1958-1973). 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

---

STANISKI, A.; KUNDLATSCH, C. A.; PIREHOWSKI, D. O CONCEITO DE LUGAR E SUAS DIFERENTES ABORDAGENS. Revista Perspectiva Geográfica, v. 9, p. 01-19, 2015.

---

TURCZYN, D. T. Morfologia urbana contemporânea: contribuições para uma teoria das mutações urbanas. UNICAMP, Brasil. 2019.

---

**ESPAÇO E EDUCAÇÃO – ARQUITETURAS MODERNISTAS  
E BRUTALISTAS DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS**

*Arq. & Urb. Bruno Cristiano dos Santos*

WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi; FORNASIER, Mateus de Oliveira. Da Arquitetura da Inclusão (Sociedade Disciplinar) À Engenharia da Exclusão (Biopolítica): Uma Análise a Partir da Arqueologia/Genealogia do Poder em Michel Foucault. In: José Alcebíades De Oliveira Junior; Renata Almeida Da Costa; José Luiz Borges Horta. (Org.). Filosofia do direito II [Recurso eletrônico on-line] Organização CONPEDI/ UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara. 1ed. Florianópolis: CONPEDI, 2015, v. 1, p. 202-227.